

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**PAULA ELI DA SILVA**

**IMPACTOS DA CRISE NO SETOR CALÇADISTA:  
SINDICATO, GREVES E BUSCA POR DIREITOS TRABALHISTAS EM SÃO  
LEOPOLDO/RS (1998-2000)**

**São Leopoldo  
2024**

PAULA ELI DA SILVA

**IMPACTOS DA CRISE NO SETOR CALÇADISTA:  
SINDICATO, GREVES E BUSCA POR DIREITOS TRABALHISTAS EM SÃO  
LEOPOLDO/RS (1998-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramírez

São Leopoldo

2024

## AGRADECIMENTOS

Toda a minha gratidão aos que estiveram ao meu lado nessa jornada, principalmente ao meu esposo Gabriel Coelho, que me apoio, que me ajudou a tornar essa trajetória possível, que desde o primeiro dia de aula me apoiou e me proporcionou todo o suporte necessário para a conclusão do curso, não tenho palavras para demonstrar toda a minha gratidão, só tenho eu a agradecer.

Em toda minha jornada acadêmica, tive pessoas que me ajudaram e me apoiaram em todos os momentos, minha Mãe Ieda, meus irmãos, minhas cunhadas, amigas que também passaram por essa jornada, que é tão intensa, as vezes muito difícil, as vezes prazerosa, mas sempre satisfatória para quem estuda e trabalha com dedicação no que faz.

Deixo, também, os meus agradecimentos aos meus queridos professores, que na medida dos anos de curso, fomos criando laços de amizade, de compreensão e de muito carinho. Dedico toda a minha gratidão, principalmente a duas professoras que foram exemplos de pessoas e de profissional, que tenho uma eterna gratidão pelo tanto que fizeram por mim e que me ajudaram nessa trajetória, Professora Eliane Cristina D. Fleck e Professora Ana Paula Korndorfer, vocês duas fizeram a diferença na minha vida acadêmica, e são exemplos que quero seguir como Professora.

Agradeço aos meus colegas que se tornaram amigos nesses seis anos de Unisinos, não vou citar nomes, mas cada um de certa forma contribuiu para a minha jornada acadêmica, foram muitos os momentos de risadas, parcerias, conversas, trabalhos em grupos e de muitos momentos felizes, às vezes nem tanto, mas sempre de grande validade.

Agradeço ao querido Professor e Orientador Hernán Ramiro Ramirez, pelo suporte, sempre dedicado e atento as minhas dúvidas e, muitas vezes minhas lamentações, foi de grande aprendizado a escrita deste trabalho e fico muito feliz de ter feito uma escolha de um profissional como meu Orientador.

Por último, agradeço mais uma vez a minha família, meu esposo e a uma rede de amigos e pessoas que me ajudaram de alguma forma a tornar esse sonho possível, porque sim, se tornar uma Professora de História sempre foi um sonho, que até então não pude tornar realidade, mas que quando as oportunidades de voltar a estudar

surgiram, não pensei duas vezes, e corri atrás desse objetivo, que por muitos anos acabou ficando tão longe de se tornar realidade, mas que hoje com toda a alegria eu posso dizer, sim é possível, se tornou realidade.

*“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos  
e, nesse sentido, está em permanente evolução”*

***Eric Hobsbawm***

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão (RS), entre 1998 e 2000, atuou em relação ao que podemos denominar de luta pelos direitos dos trabalhadores do setor calçadista. Levando em consideração, como principal motivo: a crise que ocorreu no setor, principalmente no Vale dos Sinos, em que fábricas foram fechadas e trabalhadores foram demitidos. Neste trabalho pretende-se realizar uma pesquisa relativa à atuação do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e do Vestuário de São Leopoldo e Portão, em particular dentro deste processo de crise, desemprego e busca por direitos. Contextualizar a partir da literatura vigente e já publicada, a partir de livros e artigos publicados sobre o assunto e a partir de documentos arquivados do período que foram disponibilizados pelo Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão. Analisando as fontes, como os jornais e panfletos sindicais “*O Martelo*”, através do arquivo do Sindicato e Municipal de São Leopoldo, diálogo historiográfico, fontes hemerográficas, bem como artigos e teses já publicados.

**Palavras-chave:** Crise Calçadista; Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão; Direitos Trabalhistas; Movimento dos trabalhadores.

## ABSTRACT

This study aims to investigate how the Footwear Workers' Union of São Leopoldo (RS), between 1998 and 2000, acted in what can be described as the struggle for the rights of workers in the footwear sector. The main focus is the crisis that affected the sector, especially in the Vale dos Sinos region, leading to factory closures and mass layoffs. This research seeks to analyze the actions of the Footwear and Apparel Workers' Union of São Leopoldo and Portão, particularly in the context of this crisis, unemployment, and the pursuit of workers' rights. It aims to contextualize the subject using existing literature, including books and articles on the topic, as well as archived documents from the period, provided by the Footwear and Apparel Workers' Union of São Leopoldo and Portão. The analysis encompasses sources such as the union's newspapers and pamphlets, *O Martelo*, archived by the Union and the São Leopoldo Municipal Archive, in addition to historiographical dialogues, hemerographic sources, and previously published articles and theses.

**Keywords:** Footwear Industry Crisis; Footwear and Apparel Workers' Union of São Leopoldo and Portão; Labor Rights; Workers' Movement.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo investigar cómo el Sindicato de Trabajadores del Calzado de São Leopoldo (RS), entre 1998 y 2000, actuó en lo que podemos denominar la lucha por los derechos de los trabajadores del sector calzadista. Considerando, como motivo principal, la crisis que ocurrió en el sector, especialmente en el Valle de los Sinos, donde cerraron fábricas y los trabajadores fueron despedidos. Este estudio busca realizar una investigación sobre la actuación del Sindicato de Trabajadores del Calzado y la Vestimenta de São Leopoldo y Portão, particularmente en el contexto de esta crisis, el desempleo y la búsqueda de derechos. Se pretende contextualizar el tema a partir de la literatura vigente y publicada, incluidos libros y artículos sobre el tema, así como documentos archivados del período, proporcionados por el Sindicato de Trabajadores del Calzado y la Vestimenta de São Leopoldo y Portão. El análisis incluye fuentes como los periódicos y panfletos sindicales "O Martelo", a través del archivo del Sindicato y del Archivo Municipal de São Leopoldo, además de establecer un diálogo historiográfico, utilizar fuentes hemerográficas y consultar artículos y tesis ya publicadas.

**Palabras clave:** Crisis del Calzado - Sindicato de Trabajadores del Calzado y la Vestimenta de São Leopoldo y Portão - Derechos Laborales - Movimiento de Trabajadores.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1 - PLACA DO DOCUMENTO DE FORMAÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE SÃO LEOPOLDO (1941) .....</b>	<b>23</b>
<b>FIGURA 2 - FLUXOGRAMA – FUTURA CALÇADOS: FASES PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CALÇADOS (2024) .....</b>	<b>31</b>
<b>FIGURA 3 - BOLETIM “O MARTELO” – ANO 1998 .....</b>	<b>51</b>
<b>FIGURA 4 - ÚLTIMA PUBLICAÇÃO DO ANO 2000 DE “O MARTELO” – (NOVEMBRO 2000) .....</b>	<b>57</b>

**LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1: MERCADO MUNDIAL DE CALÇADOS – 1998 .....</b>	<b>36</b>
<b>TABELA 2: REPRESENTA O NÚMERO DE EMPRESAS CALÇADISTAS POR REGIÃO - (1990 A 2003) .....</b>	<b>41</b>
<b>TABELA 3: REPRESENTA O NÚMERO DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA CALÇADISTAS BRASILEIRA – (1990 A 2003) .....</b>	<b>42</b>
<b>TABELA 4: LEVANTAMENTO SINDICATO - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO – JUNHO) - ANO 1997 .....</b>	<b>44</b>
<b>TABELA 5: LEVANTAMENTO SINDICATO - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO – FEVEREIRO) - ANO 1998 .....</b>	<b>46</b>
<b>TABELA 6: LEVANTAMENTO SINDICATO - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO – OUTUBRO) - ANO 1999 .....</b>	<b>48</b>
<b>TABELA 7: INFORMATIVOS QUE EVIDENCIAM A CRISE CALÇADISTA – NAS PUBLICAÇÕES DE “O MARTELO” - (1998-2000) .....</b>	<b>59</b>

**LISTA DE SIGLAS**

**ABICALÇADOS – Associação Brasileira das Indústrias de Calçados.**

**ASSINTECAL - Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos.**

**CAD-CAM - Computer-aided design/computer-aided manufacturing.**

**CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.**

**CUT – Central Única dos Trabalhadores.**

**IHU UNISINOS – Instituto Humanitas Unisinos.**

**RS – Rio Grande do Sul.**

**SINDIVEST SL – Sindicato das Indústrias do Vestuário e do Calçado de São Leopoldo.**

**STIMMME SL – Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Leopoldo e Região.**

## Sumário

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.</b>	<b>Embasamento da investigação: História Oral .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.</b>	<b>Referenciais teóricos e procedimentos metodológicos.....</b>	<b>17</b>
<b>2.</b>	<b>CAPÍTULO I: SINDICALISMO NO BRASIL.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1.</b>	<b>As indústrias calçadistas de São Leopoldo .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.</b>	<b>A formação sindical dos Trabalhadores do Calçado de São Leopoldo.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3.</b>	<b>Constitucionalismo, liberdade Sindical e Direito de Greve... </b>	<b>25</b>
<b>3.</b>	<b>CAPÍTULO II: A CRISE CALÇADISTA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1.</b>	<b>Os Paradigmas de Produção .....</b>	<b>30</b>
<b>3.2.</b>	<b>Início da Crise e suas interfaces: Vale dos Sinos.....</b>	<b>33</b>
<b>3.3.</b>	<b>A China entra com tudo .....</b>	<b>36</b>
<b>3.4.</b>	<b>Nordeste e os incentivos fiscais .....</b>	<b>39</b>
<b>3.5.</b>	<b>Mudanças no fim da década de 90 .....</b>	<b>41</b>
<b>4.</b>	<b>CAPÍTULO III: O PAPEL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SÃO LEOPOLDO NA CRISE CALÇADISTA ENTRE 1998 E 2000 .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.</b>	<b>Atuação em Tempos de Crise.....</b>	<b>50</b>
<b>4.2.</b>	<b>Representatividade e Negociação coletiva.....</b>	<b>54</b>

4.3.	O que dizem os informativos sindicais? .....	56
5.	CONCLUSÃO .....	64
6.	FONTES .....	66
7.	REFERÊNCIAS .....	67
ANEXO A: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ASSINADO PELO SINDICATO DOS TRABALHADORES DO CALÇADO E VESTUÁRIO DE SÃO LEOPOLDO E PORTÃO. ....		70
ANEXO B: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ASSINADO PELA EMPRESA FUTURA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA. ....		71

## 1. INTRODUÇÃO

O setor calçadista no Vale dos Sinos esteve por muitos anos, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, no seu “auge”. Trouxe benefícios, investimentos e lucro para o empresariado do setor. Ao trabalhador do setor foi um momento de oportunidades de trabalho, para o Sindicato da categoria foi de intenso trabalho. Conforme veremos no segundo capítulo deste trabalho, busco analisar as dificuldades vividas pelos trabalhadores do setor calçadista perante a crise que se estendeu do início ao fim da década de 1990. Dando destaque à cidade de São Leopoldo, no Vale dos Sinos, nos dois últimos anos da década de 1990, ou seja, de 1998 a 2000.

Pode-se questionar: “Mas por que escolher este período?”. A crise atingiu todo o setor calçadista ao longo da década de 1990, mas a partir de 1998 começou a apresentar sinais de redução. Nesse contexto, surgiram novas estratégias para “contornar” a crise, que teve os trabalhadores como principais afetados. Outro motivo para a escolha desse recorte temporal e do objeto desta pesquisa é a lacuna existente: não há estudos anteriores que analisem a conjuntura da crise calçadista em São Leopoldo, nem o papel desempenhado pelo sindicato da categoria na tentativa de “amenizar” os impactos da crise sobre os trabalhadores do setor.

De modo geral, neste estudo proponho colaborar para as explicações sobre as relações de resistência a partir do ponto de vista do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, no Rio Grande do Sul, durante o fim da década de 1990, respondendo ao seguinte questionamento: *“De que maneira o Sindicato dos Trabalhadores de São Leopoldo e Portão atuou para garantir direitos para os trabalhadores calçadistas em São Leopoldo entre 1998 e 2000”*.

O trabalho de pesquisa está dividido em três capítulos e seus subcapítulos que possuem como objetivo examinar e evidenciar as mudanças ocorridas no período de “crise” e quais as respostas o sindicato propôs aos trabalhadores para “amenizar” os efeitos da crise na indústria calçadista na região de São Leopoldo, no Vale dos Sinos.

O primeiro capítulo pretende introduzir a contextualização através de pesquisa na literatura de como foi a formação dos sindicatos no Brasil, em

particular, como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Calçadistas de São Leopoldo (RS). Para tal capítulo, os autores serão citados de maneira breve e objetiva, assim como apresentarei as fontes fornecidas pelos Sindicato dos Trabalhadores do Calçado de São Leopoldo.

Antes de abordar o tema central, é essencial compreender como funciona uma fábrica de calçados e identificar quais paradigmas de produção capitalista predominam na indústria calçadista: Fordismo, Taylorismo ou Toyotismo. Isso porque a indústria calçadista não passou por mudanças significativas nos meios de produção, nem no período pesquisado nem atualmente. Essa afirmação se baseia, inclusive, na minha experiência de uma década trabalhando em uma empresa calçadista em São Leopoldo, atualmente a última indústria remanescente do setor na cidade.

Será apresentada, também, uma breve análise histórica da formação da indústria calçadista em São Leopoldo, assim como a formação sindical dos calçadistas no município para compreendermos as ligações e ações de amparo do sindicato para com os trabalhadores do setor calçadista.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas diversas fontes e estudos com o objetivo de embasar o levantamento de dados apresentados. Entre elas, destacam-se obras que tratam especificamente da crise na indústria calçadista, a maioria escrita a partir do período iniciado na década de 1990, com foco no ápice da crise, que ocorreu até meados de 1996. Além disso, foram consultadas fontes que legitimam este trabalho, incluindo análises de periódicos e informativos da época, fornecidos pelo Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão.

Uma outra questão a ser considerada é que, embora o Sindicato atue em prol do bem-estar e da cooperação para a preservação dos direitos dos trabalhadores de ambas as cidades (São Leopoldo e Portão), o foco deste estudo está, neste momento, direcionado exclusivamente aos trabalhadores das indústrias calçadistas de São Leopoldo.

### 1.1. Embasamento da investigação: História Oral

Para compreender melhor o impacto da crise, sobretudo entre os trabalhadores (os maiores prejudicados por esse fenômeno), recorreu-se à história oral. Através dessa abordagem foi possível coletar depoimentos de personagens que vivenciaram diretamente todo o processo de crise e as novas iniciativas que surgiram no fim do período de 1990 e início dos anos 2000. Muitos desses entrevistados ainda atuam na indústria calçadista em São Leopoldo. O uso da história oral foi de grande relevância para a escrita e o desenvolvimento deste trabalho, visto que o seu objetivo também compete conhecer os aspectos sociais dos trabalhadores deste setor.

Esta metodologia nos auxiliou a entender como a questão da crise repercutiu nas vidas destes trabalhadores, trazendo a possibilidade de recuperação de suas vivências e reconstrução de suas lembranças perante o momento enfrentado e que foi tão repercutido pela visão do empresariado e não do trabalhador.

As “vozes” desses trabalhadores é a história de cada um, com suas percepções reais da crise e a visão de cada um sobre o Sindicato. Órgão, este, que ajudou os seus “companheiros” de segmento e permitiu expor situações e angústias vividas, na qual poucos foram “ouvidas” e evidenciadas nas obras tidas como tradicionais no campo da história. Principalmente na história social do trabalho, em específico aos trabalhadores da indústria calçadista do município de São Leopoldo.

Para a formulação desse tema de pesquisa, foram analisadas 3 (três) entrevistas obtidas através de um simples formulário que continha as seguintes perguntas:

- Primeiro nome (não será divulgado, apenas a iniciais do nome);
- Idade;
- Empresa que trabalhou (que lembre) entre 1998 e 2000;
- Como a crise calçadista te afetou no período fim da década de 1990;
- O que melhorou a partir de 1998?
- O Sindicato ajudou a amenizar os impactos da crise de alguma forma para o trabalhador?

As entrevistas foram realizadas com 03 (três) participantes, com idades entre 47 e 69 anos, no mês de agosto de 2024, sendo estes, trabalhadores da indústria nos anos 90. As informações contidas nos formulários provêm do preenchimento individual de cada trabalhador, sem nenhuma intervenção por parte de quem realizou a entrega do formulário. Nosso objetivo é somente o compartilhamento de suas perspectivas pessoais sobre o impacto da crise calçadista e a visão perante o Sindicato da categoria naquele momento.

A história oral oferece uma visão íntima e pessoal, com o complemento dos dados históricos apresentados nessa pesquisa, temos a intenção de incorporar as “vozes” dos entrevistados, ao invés de somente apresentar os dados formulados durante o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso. O objetivo deste tópico é incluir trechos das respostas dos entrevistados, dando visibilidade às pessoas que viveram o contexto da crise. Foram utilizados na forma de citações diretas para ilustrar cada experiências, sentimentos e percepções sobre o papel do sindicato durante a crise calçadista em São Leopoldo entre 1998 e 2000.

A escolha dos entrevistados foi realizada com base na proximidade e no fato de alguns deles estarem atuando na indústria calçadista no município de São Leopoldo neste período. As entrevistas tiveram como objetivo compreender tanto a trajetória de trabalho e percepções dos participantes diante da crise no setor calçadista quanto suscitar reflexões pessoais, despertando memórias distintas em cada um sobre as suas vivências.

Os trabalhadores da indústria calçadista que fazem parte do processo de produção, em sua maioria, ainda estão em atividade atualmente no município de São Leopoldo, o que tornou possível analisá-los, visto o acesso facilitado pela minha posição como trabalhadora da mesma empresa em que foram feitos os levantamentos, tanto dos formulários, como da documentação cedida pela empresa, que possibilitou a recuperação de vivências e reconstrução de lembranças. O resgate da memória e a interpretação das lembranças dos entrevistados foi feita através de um questionário e uma breve conversa em que explicou o objetivo desta pesquisa, que tinha como objetivo compreender como se deu o processo da cooperação sindical no município de São Leopoldo com

operários em questão e como tiveram suas vidas afetadas pela crise do calçado no fim da década de 1990.

## 1.2. Referenciais teóricos e procedimentos metodológicos

O tema dessa pesquisa está inserido na história social do trabalho, a metodologia utilizada será partir de uma metodologia qualitativa baseada na seleção, coleta e análise crítica de documentos relevantes para a compreensão. Nesse sentido, a abordagem se dará a partir de documentação fornecida pelo Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, com ênfase na análise dos boletins informativos “*O Martelo*” em que consta um fornecimento de fontes documentais que vai de 1994 até o ano de 2013. Sendo assim, nosso recorte temporal se dá através dos anos de 1998 a 2000, utilizando as documentações que abordam os vários momentos enfrentados na crise calçadista. Podemos entender a partir do ponto de vista descrito por Tania Regina de Luca, quando ela diz que

“Para dar concretude à afirmação, pode-se mencionar o caso dos jornais operários, que foram fundados em diferentes cidades brasileiras no início do século XX. Essas pequenas folhas, produzidas de modo artesanal pelos próprios trabalhadores, com periodicidade incerta e que expunham as lutas e os sonhos daqueles que buscavam alterar a ordem vigente e conquistar melhores condições de vida e trabalho, não atraíram, no momento que circularam, o interesse de grandes bibliotecas e arquivos[...] observa-se o desejo de não dar visibilidade a essa camada social”. (Luca, p. 43, 2022)

O uso dessas fontes históricas, fornecidas pelo Sindicato da categoria, será de grande utilidade para apresentar com maior visibilidade a luta dessa categoria de trabalhadores. Com uma abordagem histórica, a partir de uma revisão da literatura, tentarei abranger diversas fontes relevantes que tratem do tema da pesquisa, partindo do que as autoras Denise Castilhos de Araújo e Claudia Schemes (2018) no artigo “*A crise coureiro-calçadista no Vale dos Sinos: a construção do Jornal NH*”, destacam-se algumas reflexões sobre a história e a memória na crise do setor coureiro-calçadista no Vale do Rio dos Sinos. Ambas as autoras possuem relevância para uma análise sobre a memória histórica e as dinâmicas econômicas da região do Vale dos Sinos, a partir de seus trabalhos

sobre o setor coureiro-calçadista. Da mesma forma podendo ser associada as lutas sindicais para promover de forma mais justa os direitos e os compromissos com os trabalhadores calçadistas.

Para a construção do projeto, encontrei alguns artigos que falam sobre os sindicatos da região do Vale dos Sinos na década de 90, mas, sobre o Sindicato dos Trabalhadores do Calçados e Vestuário de São Leopoldo e Portão, especificamente, não foram encontrados trabalhos sobre este Sindicato em particular, ou sobre seus informativos. Um dos objetivos, é que este trabalho contribua para a produção de novas pesquisa sobre a temática evidenciada neste trabalho.

Para compor a base teórica e metodológica deste trabalho, partirei das ideias norteadas pelo autor, Sagadas Vianas (1981), que no trabalho intitulado "*Instituições de Direito do Trabalho*" o autor se dedica a explorar os princípios e as normas fundamentais do direito do trabalho, que é um campo que regula as relações entre empregadores e empregados. O autor em questão, evidencia os tópicos, como, os direitos trabalhistas, a organização do trabalho, contratos de trabalho, as condições laborais, os direitos sociais e as instituições que compõem o sistema de proteção ao trabalhador.

Diego Augusto Rodrigues (2012), no trabalho "*História dos sindicatos no Brasil*", escreve sobre o que cada período vivido no Brasil representou para a formação dos sindicatos no Brasil. Ambos os autores são relevantes para a contes para a construção do primeiro capítulo deste trabalho.

A partir dessa base de informações evidenciadas por esses autores, podemos avançar em perspectivas e análises do que foi a crise calçadista em São Leopoldo e quais foram as medidas cabíveis apresentadas pelo sindicato da categoria. Assim como, analisar a evolução histórica, tanto das indústrias calçadistas como a do Sindicato, incluindo seus pioneiros e as transformações que ocorreram desde sua fundação até a data objeto dessa pesquisa. E entender o que representou este período para a formação de uma memória coletiva dos trabalhadores. Explorar de maneira que evidencie essa representatividade ao trabalhador e para o Sindicato, apontando as causas e consequências das crises a estes personagens. Fornecendo um embasamento teórico e histórico para entendermos a dinâmica entre as fábricas de calçados locais, o Sindicato e as

políticas públicas, foram, ou não, suficientes durante períodos de dificuldade e crise vividos no período da década de 1990.

Um dos poucos trabalhos que correlaciona o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, é o artigo escrito por Valmíria Carolina Piccinini e Elaine Di Diego Antunes (1997) no trabalho desenvolvidos pelas autoras, *“Trajetórias e Estratégias Sindicais dos Sapateiros do RS”*, elas exploram o processo de reconstrução do setor calçadista no Brasil, evidenciado principalmente a região Sul do Brasil, abordando a situação de crise entre 1994 até 1996. Elas entrevistam lideranças sindicais do período na região do Vale dos Sinos. O trabalho dessas autoras permite evidenciar as principais causas geradoras da crise calçadista na região e o que essas entidades estavam organizando para “frear” essa situação de crise.

## 2. CAPÍTULO I: SINDICALISMO NO BRASIL

A inserção de trabalhadores estrangeiros, atraídos por trabalho e terras, e o fim da escravidão em 1888 tiveram forte influência para uma inicial formação sindical no Brasil. Esses trabalhadores estrangeiros vieram já com alguns preceitos e mentalidade de novas ideias sociais, sob fortes influências socialistas e anarquistas que estavam em grande evidência na Europa no fim do século XX. Estes trabalhadores vêm com uma visão política e de luta para busca de direitos e deveres dentro dos setores para uma formação sindical. Que, conforme descrito por Rodrigues (2012) “a ideologia apesar de não ter conseguido formar um sindicato forte, acabou sendo difundida perante os trabalhadores e influenciou uma sequência de greves no Brasil, entre 1900 e 1920”. Ou seja, influenciou para que essa formação sindical tivesse mais um cunho de luta por direitos de seus membros trabalhadores.

Os sindicatos no Brasil foram legalizados pelo Decreto nº 979 de 1903. Esse decreto possibilitava a formação de sindicatos tanto para empregadores quanto para empregados, garantindo liberdade na escolha da forma de representação permitindo que trabalhadores rurais se organizassem em sindicatos, neste período o trabalho rural predominava no país, mesmo já havendo em grande escala o processo de industrialização. Estes sindicatos exerciam um papel predominantemente assistencial. Já em 1907, a partir do decreto nº 1637, sancionado pelo então Presidente Affonso Penna, é regulamentado os sindicatos urbanos, em que para se formarem precisavam abranger profissões similares entre si e eram funções destes sindicatos a defesa geral dos interesses dos trabalhadores de forma coletiva. (Rodrigues apud Vianas, p. 958, 1981).

Os sindicatos surgem para ajudar as categorias de trabalhadores e entidades a desempenhar um papel crucial na defesa dos direitos e deveres trabalhistas, no fortalecimento da representatividade dos trabalhadores e na construção de um diálogo entre trabalhador e empresas. Sua importância, não aparece como deveria, mas a partir de análises mais sucintas, podemos entrelaçar algumas perspectivas, como já evidenciado acima, que é a defesa dos

direitos trabalhistas, crucial no momento difíceis vividos pelos trabalhadores, como na década de 90.

Para compreender a atuação do Sindicato dos Trabalhadores, é fundamental entender como as indústrias calçadistas se estruturaram na região do Vale do Rio dos Sinos, especialmente em São Leopoldo, e de que forma o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado se formou e se consolidou. Para a compreensão de cada momento aqui exposto, serão divididos nos próximos tópicos deste capítulo a contextualização de cada momento histórico, como se dá a formação das indústrias de calçado em São Leopoldo e a formação sindical dos trabalhadores do segmento calçadista da região.

## **2.1. As indústrias calçadistas de São Leopoldo**

A fim de entender o que levou a essa grande expansão do setor calçadista, ou melhor, para entendermos como o Vale dos Sinos se destacou como pioneiro e centro comercial coureiro-calçadista, é importante considerar que, em 1870, a construção da via férrea entre Porto Alegre – São Leopoldo – Novo Hamburgo, trouxe um grande fluxo de circulação, tanto no que diz respeito a pessoas circulando, como foram se estabelecendo na região das novas indústrias, conforme exposto por Antunes e Piccinini (apud Lagerman, 1997, p. 5) “foram registradas nove indústrias de Calçados no Rio Grande do Sul”, por conta da linha férrea essa concentração aos poucos foi se intensificando na Região do Vale dos Sinos, sendo a cidade de Novo Hamburgo seu centro principal.

Alguns fatores devem ser considerados para compreender como, a partir de 1900, as indústrias começaram a expandir-se ainda mais do que no final do século XIX, conforme destacam Araujo e Schemes (apud Rupenthal, 2018, p. 4-5) entendem que

“Um fator conjuntural importante a ser lembrado é que as altas taxas de importação criadas pelo governo republicano incentivavam a criação de indústrias. Mesmo assim, havia apenas duas empresas calçadistas com mais de 100 empregados no ano de 1900 (Pelotas e Porto Alegre) e, pelo censo de 1907 metade da produção de calçados estava concentrada no Rio de

Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e supria 90% do mercado interno (a taxaço sobre os calçados era de 115% e o governo estadual incentivava as vendas para outros estados). [...] há uma proliferação de fábricas no Estado, pois esse tipo de indústria não exigia grandes investimentos e havia mão-de-obra abundante (ex-comerciários e ex-agricultores), entretanto, a produção ainda artesanal. Diz ainda, que em 1912, havia 699 fábricas de calçados, a maioria com dois a sete empregados, produzindo 1,15 milhões de pares. Quatro anos depois, já havia 736 fábricas, mas apenas quatro tinham mais de 100 empregados, e eram responsáveis por quase 50% da produção nacional”.

Embora as fábricas da primeira década do século XX contassem, em sua maioria, com menos de 100 funcionários, havia um número significativo de fábricas, com diferentes números de trabalhadores em sua composição, como evidenciado pelos autores citados. Essa crescente massa de trabalhadores demandava algum tipo de proteção, especialmente por meio de um órgão sindical voltado a questões assistenciais. A partir da década de 1950, com a consolidação das indústrias calçadistas na região, os Sindicatos dos Sapateiros também se fortaleceram, oferecendo aos trabalhadores uma ampla gama de serviços. Essa evolução será explorada no próximo tópico deste capítulo.

## **2.2. A formação sindical dos Trabalhadores do Calçado de São Leopoldo**

A formação sindical dos trabalhadores do setor calçadista em São Leopoldo/RS foi reorganizada e ampliada a partir da década de 1940, conforme descrito na aba institucional do site (STIMMME SL<sup>1</sup>)

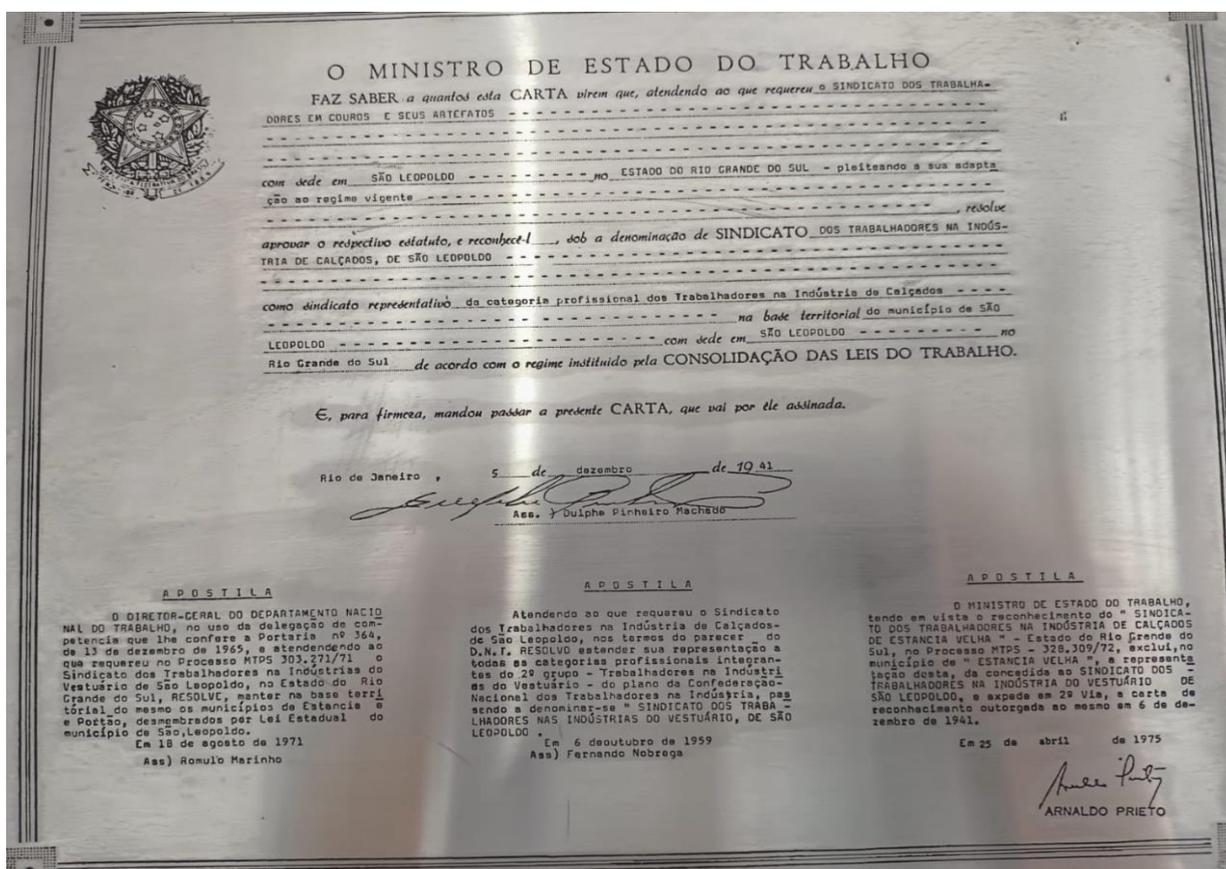
“Mas apesar da dura repressão nos meados da década de 40, lideranças trabalhistas voltam a se reorganizar e surgem vários sindicatos de diversas categorias em todo país. Aqui no Sul, a região metropolitana de Porto Alegre mantinha a concentração industrial do estado, a indústria metalúrgica já tinha seu destaque e São Leopoldo, por suas características, assumia uma posição como polo metalúrgico, o que com a chegada da indústria calçadista fortaleceu mais”. (STIMMME SL, CONSTITUCIONAL. 2024)

---

<sup>1</sup> Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Leopoldo e Região. Atualmente, o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de São Leopoldo e Região cumpre um papel de profundo destaque na organização sindical do Rio Grande do Sul, a entidade é a segunda maior força política do município. Disponível: <https://metalsaoleo.org.br/historia-do-sindicato/>

Apesar das incertezas e da instabilidade política que afetava o país, especialmente os movimentos trabalhistas durante a ditadura do primeiro governo Vargas, em São Leopoldo, alguns setores, como o metalúrgico e o calçadista, começam a se destacar. Liderados por figuras importantes, os metalúrgicos, pioneiros na história do sindicalismo da região metropolitana do Rio Grande do Sul, impulsionaram o crescimento do Sindicato do Calçado, que começou a ganhar notoriedade, embora ainda de forma modesta, na luta trabalhista.

### FIGURA 1: PLACA DO DOCUMENTO DE FORMAÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE SÃO LEOPOLDO (1941).



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, (2023)

O Sindicato que representava os trabalhadores do calçado, ou dos *sapateiros*<sup>2</sup>, surgiu em 05 de dezembro de 1941, era intitulado no início como, *Sindicato dos Trabalhadores em Couros e seus Artefatos*, com sede no centro da cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Seu estatuto foi aprovado e fixado sob a denominação de Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados, conforme a descrição do documento acima anexado, com sua base territorial do município de São Leopoldo.

Este Sindicato, assim como os demais, estava condicionados as normas da CLT e ao Ministério do Trabalho conforme suas exigências e consoantes (Piccinini; Antunes, 1997, p. 7).

O Sindicato dos Trabalhadores Calçadistas de São Leopoldo, desde a sua constituição em 1941, possui uma estrutura predominantemente assistencial, voltada para atender algumas necessidades básicas dos trabalhadores do calçado. Associados ao Sindicato, podiam contar com diversos serviços, dentre eles: serviços médicos, dentistas, assistência jurídica, entre outros serviços prestados. Com um crescente percentual de trabalhadores associados ao Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo nas décadas de 1980 e 1990, este Sindicato mantinha disponível aos seus associados uma variedade significativa de serviços para os trabalhadores e seus dependentes. Hoje em dia, este Sindicato não consegue mais prestar essa gama de serviços<sup>3</sup> que eram oferecidos até o início dos anos 2000, um dos motivos foi a diminuição do seu quadro de sócios<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Historicamente, esse termo se refere aos profissionais que fabricavam e reparavam sapatos. Embora, ao longo do tempo, a indústria calçadista tenha se expandido e se diversificado, a tradição e o nome "sapateiro" perduraram como uma referência ao ofício original de produção de calçados. (Araujo; Schemes, 2018, p.8)

<sup>3</sup> O slogan dos informativos atuais do Sindicato dos Trabalhadores de São Leopoldo e Portão é "*Não seja só, seja sócio*". (O Martelo, setembro 2024)

<sup>4</sup> Ser sócio significa ser um associado que se filiou a um sindicato da sua categoria profissional e que contribui mensalmente para o sindicato. A filiação é um direito garantido pela Constituição e é um ato voluntário. O sócio pode votar, ser votado e fazer parte da diretoria do sindicato, pode usufruir dos benefícios oferecidos pelo sindicato, como cursos, convênios e parcerias. Disponível: <https://sindistal.org.br/diferenca-entre-afiliado-e-associado/>

### 2.3. Constitucionalismo, liberdade Sindical e Direito de Greve

Após o fim da Ditadura Militar Brasileira, um dos períodos mais difíceis e conturbados da história do país, a promulgação da Constituição Federal em 1988 trouxe importantes avanços nos direitos sindicais e dos trabalhadores. A garantia da liberdade para a formação dos sindicatos foi uma conquista fundamental, assegurando tanto a liberdade coletiva quanto a liberdade de associação. Isso permitiu que os trabalhadores se organizassem de maneira mais eficiente e colaborativa, de acordo com as necessidades de cada setor. (Rodrigues, 2012, p. 2)

Os sindicatos e as greves sempre tiveram uma ligação muito próxima, o sindicato é uma organização de trabalhadores, que representa os trabalhadores, com o objetivo de defender seus direitos, sendo estes trabalhadores associados ao sindicato ou não, que negocia melhores salários, benefícios e condições gerais em prol dos trabalhadores.

As greves sempre foram as grandes “vilãs” para os empresários, uma manobra muito utilizada, principalmente nos anos 90, que em muitos casos eram organizadas pelos sindicatos juntamente com os trabalhadores, que estavam sendo oprimidos, assediados e, na maioria dos casos, quando estavam perdendo algum direito trabalhista, como o valor do seu salário. Nos boletins “O Martelo”<sup>5</sup> fica evidente esse tipo de ferramenta utilizadas pelo sindicato para apoiar e ajudar o trabalhador perante este momento de crise do setor calçadista. No informativo de fevereiro de 1998, diz que

“COMPANHEIROS DA CZARINA<sup>6</sup> – Nós trabalhadores demitidos estamos de plantão aqui em frente, porque queremos acompanhar de perto, como será a negociação sobre nossos direitos, que não foram pagos no tempo previsto na lei. Mais do que nunca, precisamos de sua solidariedade, porque os anos

---

<sup>5</sup> Boletim informativo do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, circula desde março de 1994. Disponível somente como conteúdo físico (impresso), ainda continua em circulação no ano de 2024. Os boletins informativos sindicais desempenham um papel essencial na comunicação entre o sindicato e seus filiados e trabalhadores da categoria.

<sup>6</sup> A marca Czarina, cuja responsabilidade de criação dos sapatos, era de Gilberto Simon, se destacou nos anos 80 com a fábrica em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, tinham foco na exportação e produziam sapatos sob encomenda para empresas dos Estados Unidos e Europa. Disponível: <https://www.omapadamoda.com.br/noticia/781/czarina---anos-80>

que trabalhamos juntos nos ensinou a ter respeito mútuo, que certamente nesta hora fala mais alto. Queremos mostrar novamente a união que sempre tivemos dentro e fora da Czarina.” (O MARTELO, fev. 1998, p. 3)

As greves foram utilizadas pelos sindicatos, basicamente, consistindo em uma paralisação temporária do trabalho por parte dos trabalhadores para protestar contra condições de trabalho, injustiças cometidas, salários inadequados, péssimos ambientes de trabalho, muitas vezes insalubres ou para pressionar por uma negociação coletiva mais favorável. A greve é uma ação coletiva e, geralmente, busca chamar a atenção para as demandas dos trabalhadores.

No Brasil, o direito de greve está garantido pela Constituição de 1988, mas existem limitações para alguns órgãos de trabalho. A legislação exige que os sindicatos sigam certos procedimentos legais antes de convocar uma greve, como a comunicação prévia ao empregador e a realização de negociações, que aparece nos boletins “*O Martelo*”, sempre havia uma convocação, um aviso, uma tentativa de negociação anterior. As greves sempre tiveram um peso enorme na história dos movimentos trabalhistas no Brasil e no mundo, especialmente em momentos de crise, como foi o caso da crise calçadista no Vale dos Sinos.

### 3. CAPÍTULO II: A CRISE CALÇADISTA

O objetivo deste capítulo é contextualizar, recortando para o período e região designado à essa pesquisa. A escrita deste trabalho se dá a partir do levantamento das fontes documentais e da literatura, do que vem sendo escrito sobre a temática calçadista no Rio Grande do Sul, principalmente, pelos trabalhos produzidos por Claudia Schemes, com foco na memória e no empreendedorismo do setor coureiro-calçadista. Em parceria com Araújo (2018), seu artigo tem relacionadas a crise calçadista e os impactos gerados por ela. Seu objetivo busca trabalhar com a evidência da crise nos jornais da região do período. Os trabalhos organizados por Schemes e por Araújo, trazem uma perspectiva que pode paralelamente ser discutida com as ideias abordadas neste trabalho em questão.

O “auge” das indústrias calçadistas acontece a partir do fim da década de 70 e início dos anos 80. Principalmente, porque a partir de 1980 surgem novas técnicas organizacionais, sendo o calçado feminino produzido na região do Vale dos Sinos com maior destaque no mercado internacional, destacado por “disparos” na exportação. Apesar da indústria calçadista neste período estar em expansão devido as exportações do calçado, há um baixo investimento tecnológico, que não era levado em consideração. O polo calçadista no Vale dos Sinos, vivia em um estado de consolidação, sendo o principal *cluster*<sup>7</sup> no Brasil (Santos; Silva apud Noronha, 2011, p. 10-11).

A partir das informações aqui analisadas, parece haver uma certa percepção de “hegemonia” por parte dos donos de fábrica e pelas entidades ligadas ao setor coureiro-calçadista, em que o lucro e a demanda era tanta que não se pensava em analisar o mercado global, nem em qualificar os trabalhadores dentro das fábricas, sendo que o maior centro de formação profissional em couro e calçados estava na cidade de Novo Hamburgo.

---

<sup>7</sup> Concentrações geográficas de empresas interligadas que atuam num mesmo setor de fornecedores especializados, provedores de serviços e instituições associadas, tendo em comum, além da localização, a contribuição para o desenvolvimento de produtos dessa região. (Schemes, 2005, p.22)

O SENAI em Novo Hamburgo foi, e continua sendo, um importante centro de formação profissional e qualificação técnica para atender à demanda de mão de obra qualificada da indústria de calçados e couro, com cursos que abrangem desde o design e modelagem de calçados até a produção, acabamento e tecnologia aplicada ao setor.<sup>8</sup>

Conforme descrito por Schemes (2013, p. 150) “Ainda neste início do século XXI é um dos mais dinâmicos setores da economia regional, gerador de renda e de outras cadeias produtivas ligadas ao apoio direto e indireto à produção”, ou seja, mesmo com a crise que se intensificou no início dos anos 1990, o setor coureiro-calçadista é um dos mais importantes economicamente no Brasil, em que se enquadram ainda a região Nordeste, na qual vamos tratar no próximo capítulo.

Quando se fala em crise, as primeiras buscas em trabalhos acadêmicos, nos remete a uma escrita voltada ao empresariado, ao prejuízo econômico para o Estado, de qual maneira influenciou e prejudicou a economia como um todo. Conforme descrito por Araújo e Schemes (2018), explicam que

“Uma situação de crise, de modo geral, tende a exigir a reconfiguração dos setores envolvidos, e essa reconfiguração tende a se realizar não apenas no meio que vivencia a crise, mas também em todo o entorno que, de alguma forma, sofre (ou pode vir a sofrer) as influências de tal situação”.  
(Araújo; Schemes, 2018, p. 1)

A partir dessa perspectiva e analisando esse trabalho descrito pelas autoras citadas, um dos eixos dessa reconfiguração de setores envolvido nesse momento de crise, e que por se entender que é um dos primeiros órgãos a ser procurado pelos trabalhadores e trazendo em questão que uma entidade que trabalha em prol dos trabalhadores são os sindicatos, abre-se um ponto importante a ser pesquisado.

Analisando essa fala descrita por essas autoras e observando outros trabalhos escritos sobre o assunto, compreendemos que é preciso existir mais trabalhos produzidos a partir da ótica dirigida ao trabalhador. Conforme

---

<sup>8</sup>Disponível: SENAI IST, <https://www.senairs.org.br/unidades/instituto-senai-de-tecnologia-em-calçado-e-logística-industrial>

denominado por Marx no Manifesto do Partido Comunista<sup>9</sup> (2020, p. 70), e em outras obras de Marx e Engels, diz que, “[...] a classe proletária é definida como aquela que trabalha, que vende sua força de trabalho e garante a partir da mais-valia o enriquecimento da classe burguesa”. Então, essa classe é detentora de grande parte do trabalho, do lucro e de conseqüentemente “girar” a economia, de uma cidade, estado e país. E essa massa de trabalhadores calçadistas, que por muitas décadas fortaleceu a economia, não só no Vale dos Sinos, mas no Rio Grande do Sul não aparece muito nas pesquisas tradicionais dentro da academia.

Muitos foram os fatores apontados sobre como se deu a crescente crise do setor calçadista no Vale dos Sinos. Desde o início da década de 90, principalmente, porque é neste período que se tem uma grande transformação tecnológica, num sentido global, em que os meios de produção precisam se adequar, além dessas transformações tecnológicas, conforme descrito por Araújo e Schemes (2018, p. 6) “a década de 90 é reconhecida como um período de profundas transformações, nas áreas econômica, social, política, entre outras”. Então percebesse que não é somente um fator que foi o estopim do agravamento da crise, mas sim, um aglomerado de fatores, que vinham se mostrando ao longo da passagem do tempo nas indústrias, principalmente na indústria calçadista.

Araújo e Schemes (apud Fiorin, 2018, p. 6-7), em seu artigo “*A crise coureiro-calçadista no Vale dos Sinos: a construção do jornal NH*”, destacam que, no Brasil e ao redor do mundo, diversas mudanças começaram a ocorrer, especialmente nas esferas econômica e tecnológica. Essas transformações são impulsionadas pela abertura do mercado global para o comércio exportador e pela crescente influência do neoliberalismo,<sup>10</sup> uma corrente que ganhou força mundialmente no período da década de 1990. Dentro dessa perspectiva

---

<sup>9</sup> O *Manifesto do Partido Comunista* foi elaborado por Marx e Engels como programa da Liga dos Comunistas por decisão do seu II Congresso realizado em Londres entre 29 de novembro e 8 de dezembro de 1847. Representava o triunfo dos defensores da nova linha proletária no quadro das discussões havidas no interior do movimento. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>

<sup>10</sup> Teoria que teve suas teses formuladas na década de 1960 e 1970, como uma resposta às crises econômicas e ao declínio do modelo de bem-estar social prevalente no pós-Segunda Guerra Mundial. (Andrade, 2019, p. 122)

neoliberal, toda essa modificação tecnológica e econômica desempenham um papel crucial para o setor coureiro-calçadista no Vale dos Sinos “estagnar”, pois não estavam se adequando aos novos processos tecnológicos que estavam surgindo.

Como mencionado anteriormente, tais mudanças são como uma verdadeira “revolução tecnológica”, que promoveu avanços significativos em diferentes áreas, especialmente com o advento dos computadores. Essa revolução transformou profundamente as formas de trabalho e comunicação, ampliando de maneira sem precedentes a circulação de informações entre diferentes localidades e contribuindo para um mundo cada vez mais globalizado. (Araújo; Schemes apud Fiorin, 2018, p. 6-7).

### **3.1. Os Paradigmas de Produção**

As inovações tecnológicas que adentram nos meios de produção no mundo, a inserção de máquinas modernas e o uso dos computadores foram a “chave” para fundamentar o início da crise calçadista, principalmente no Vale dos Sinos, isso se dá devido a maioria das empresas não se adequarem a essas novas tecnologias e a esses novos sistemas de trabalho e inovação tecnológica.

A base de trabalho dentro de uma indústria calçadista, apesar de atualmente conterem meios mais tecnológicos para algumas funções ligadas a fabricação de calçados, como o uso de CAD-CAM<sup>11</sup>, que é um projeto e fabricação assistidos por computador. É uma tecnologia que utiliza softwares interligados para criar modelos 3D e desenhos 2D, e programar equipamentos de fabricação, usado para a modelagem dos calçados, mas, a base mesmo de produção ainda é artesanal, em 2024, podemos pensar que em 1998 era mais artesanal ainda, conforme já dito anteriormente, a base da produção ainda é

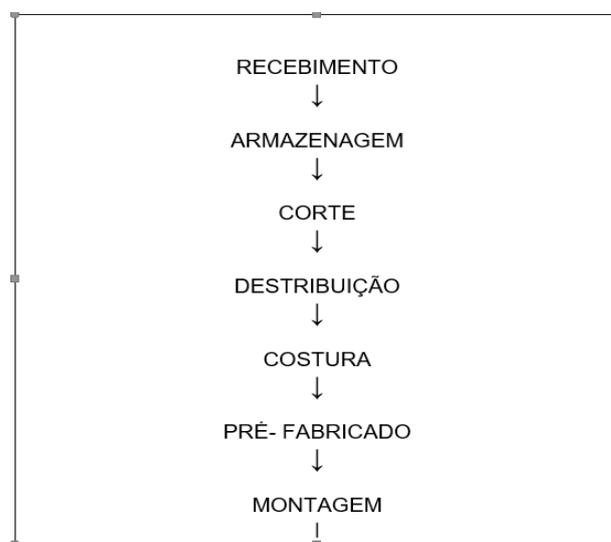
---

<sup>11</sup> CAD/CAM é a abreviação para computer-aided design/computer-aided manufacturing, ou seja, projeto e fabricação assistidos por computador. É um conjunto de softwares interligados que permite projetar e produzir protótipos e produtos acabados. O uso da tecnologia CAD/CAM nas indústrias que fabricam fôrmas para calçados está diretamente relacionado com a utilizada nas indústrias de calçados. Disponível em: [https://www.senairs.org.br/sites/default/files/documents/formas\\_e\\_sistemas\\_de\\_medidas\\_para\\_calcados.pdf](https://www.senairs.org.br/sites/default/files/documents/formas_e_sistemas_de_medidas_para_calcados.pdf)

muito semelhante ao que era feito em 1980, em 1990, em 2000 e em 2024, claro, que em algumas poucas empresas que investiram em equipamentos mais modernos há ressalvas.

Para entendermos melhor como funciona uma indústria calçadista, e como o trabalho manual ainda é dominante e requer um número alto de trabalhadores dentro de uma linha de produção, traremos algumas imagens fornecidas pela empresa Futura Indústria de Calçados<sup>12</sup>, empresa calçadista fundada em 1997, uma das últimas remanescentes na cidade de São Leopoldo, em que forneceu a maior parte dos documentos, como Convenções Coletivas e fluxogramas, como este que segue abaixo. Para entendermos o fluxo de produção, principalmente, da demanda de recursos humanos na esteira de produção. Essas fontes documentais são de extrema importância para o fluxo de compreensão e sustentação dessa pesquisa.

**FIGURA 2: FLUXOGRAMA – FUTURA CALÇADOS: FASES PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CALÇADOS (2024)**



Fonte: Futura Calçados (2024).

---

<sup>12</sup> Futura Indústria de Calçados Ltda foi fundada em 25 de março de 1997, na cidade de São Leopoldo - RS. Criada com o objetivo de fabricar sapatos femininos de qualidade, que priorize nos seus produtos, conforto, design e estilo. Sua produção é voltada para atender o mercado interno e externo na fabricação de calçados. Disponível:

<http://www.futurashoes.com.br/futurashoes>

Esta imagem acima, é um fluxograma ou diagrama simples de blocos de todas as etapas da fábrica Futura Calçados, que segue esses mesmos padrões de fluxo de produção desde sua fundação em 1997. Esse fluxograma indicando as operações em que ocorre geração de trabalho manual, ou seja, em que pessoas fazem o trabalho, com o trabalhador operando algum tipo de máquina ou fazendo algum tipo de trabalho manual. Como passar cola com pincel e em todos as etapas manuais e com baixa tecnologia.

Para compreendermos melhor o processo de fabricação de calçados, é importante notar que a produção de um único par envolve a participação de diversos trabalhadores ao longo das etapas. O processo de fabricação segue as seguintes fases: primeiro, o par de calçados passa pelo setor de **Modelagem**, onde é criada a forma para a confecção do calçado com base na matéria-prima adquirida pelo comprador. Em seguida, a matéria-prima é recebida e conferida no **Almoxarifado**, que distribui os materiais aos setores responsáveis. O próximo passo é o **Corte**, onde as partes do cabedal (a parte superior do calçado) são cortadas, chanfradas, carimbadas e submetidas a outros processos dessa fase. Após o corte, as peças seguem para o setor de **Costura**, onde são unidas para formar a estrutura do cabedal. Em seguida, as partes costuradas vão para o setor de **Montagem**, onde o cabedal é unido ao solado, completando a estrutura do calçado. Durante a montagem, que ocorre em esteiras, são realizadas de 25 a 30 funções diferentes para cada par de calçados. Por fim, o calçado é encaminhado para a **Expedição**, onde é embalado e preparado para o envio.

Esse processo revela a grande quantidade de trabalhadores envolvidos na produção de calçados. Em empresas de pequeno a médio porte, a produção diária de cerca de 1.500 pares de calçados requer uma equipe de 80 a 100 funcionários. Desses, cerca de 85% são trabalhadores da linha de produção (operadores fabris). Esses dados foram coletados com base no fluxo de produção da empresa Futura Calçados entre 2018 e 2019.

Santos e Silva (2011), a partir de uma pesquisa de campo em indústrias de calçados na cidade de Novo Hamburgo, analisaram as inovações tanto técnicas, como, as de relações de trabalho, principalmente, no que representa

essas mudanças tecnológicas aos trabalhadores calçadistas. Algumas considerações foram analisadas, a principal é, na qual se enquadra como paradigma de produção o setor de produção calçadista.

Para as autoras, as inovações tecnológicas partem do uso de aplicação de “microeletrônicos” dentro do processo fabril, essa ideia conforme evidência Santos e Silva, inclui também a “modernização de base eletromecânica”. No caso as indústrias calçadistas no Vale dos Sinos, que foi objeto da pesquisa das autoras, não estão inseridas no contexto do uso de tais tecnologias. (Santos; Silva, 2011, p. 8)

Analisando os princípios e as formas de produção de uma fábrica de calçados, que são uma forma mais “rígida” no sentido de ser mais gerida por uma gerência que tem um “poder” sobre seus demandados, que é uma gerência, introduzidas pelo taylorismo-fordismo, que apresentam um conteúdo de bases hierárquicas e mais autoritária, tendo, na sua essência, a coerção do que a adesão por acordos por parte dos trabalhadores.

Além do mais, o trabalho em uma linha de produção calçadista, assim como os preceitos taylorista-fordista,<sup>13</sup> a uma limitação no contato entre trabalhadores, pois o trabalho se dá de forma individual em que cada um faz um tipo de serviço (função), seguindo uma linha contínua no mesmo sentido de uma esteira, que segue um controle de regras e tarefas, normalmente, cronometradas, com princípios e bases de vigilância, seguindo uma padronização (Santos; Silva apud Druck, 2011, p. 8-9).

### **3.2. Início da Crise e suas interfaces: Vale dos Sinos**

Conforme já descrito no início deste capítulo, a questão da crise do setor calçadista no Vale do Sinos é algo muito complexo, pois, não foi somente por uma única questão, mas sim, por determinadas influências, como desvalorização do dólar, a concorrência dos países asiáticos no mercado global, a emergência

---

<sup>13</sup> O taylorismo e o fordismo são modelos de produção que se caracterizam pela padronização e pela busca de aumentar a produtividade. Para produções altamente padronizadas e de baixo custo, como sapatos básicos ou em larga escala, o taylorismo e o fordismo ainda são influentes em fábricas do ramo calçadista. (Santos; Silva, 2011, p.8)

do neoliberalismo, alinhado às questões de novas tecnologias adentrando em todos os meios de produção, que são alguns elementos geradores ou amplificadores da crise que adentrou, principalmente, no Vale dos Sinos no setor calçadista, em que, seus trabalhadores, foram os maiores prejudicados.

Em 25 de novembro de 2007, o IHU UNISINOS<sup>14</sup>, realizou uma entrevista com Ênio Erni Klein, que na época era diretor executivo e consultor de inteligência comercial da Abicalçados,<sup>15</sup> que é o setor que tem como objetivo a defesa das políticas do setor calçadista nacional, além de ser autor de obras ligadas ao setor calçadista, como, *Mercado Internacional para Calçados* (Brasília: AEB, 1972) e *Competitividad em la Industria de Calzados* (Santiago: CEPAL, 1991). A partir de alguns trechos dessa entrevista concedida ao IHU, Ênio, explica que

“Com o dólar em constante desvalorização, o mercado exportador de calçados do Vale do Rio dos Sinos continua em crise. Além disso, concorrer com a produção massificada de calçados chineses agravou ainda mais a situação. No entanto, as empresas que também focavam no mercado interno cresceram, aumentaram a sua produtividade, seus lucros e investimentos, incluindo aí a contratação de mão-de-obra especializada. O Rio Grande do Sul é conhecido pela qualidade e criatividade e por agregar o valor moda aos seus calçados, mas isso não assegurou que as indústrias calçadistas se desenvolvessem aqui. Muitas seguiram para o Nordeste do País, a fim de encontrarem mão-de-obra diferenciada, massificando também a produção”. (IHU UNISINOS, 2007)

Não é algo simples de entender, porque há algumas contradições, pois, aqui no Vale dos Sinos, foi o grande centro, o grande polo calçadista do Brasil, conforme descrito por Schemes e Araújo (2018) “[...] a construção dessas realidades na região do Vale dos Sinos, tem a economia baseada no setor coureiro-calçadista, sendo um dos grandes polos exportadores do país”. Então, não é algo que se construiu de uma hora para outra, a economia da região era voltada ao calçado desde o século XVII, Schemes e Araújo (2018) remontam essa trajetória, a partir da origem da tradição pecuarista no Rio Grande do Sul

---

<sup>14</sup> Entrevista na íntegra, concedida ao IHU – Instituto Humanitas Unisinos em 2007, <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10903-a-crise-da-industria-calcadista-do-vale-do-rio-dos-sinos-acabou-entrevista-especial-com-enio-klein>

<sup>15</sup> Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. A Abicalçados é a representante da indústria brasileira de calçados. Disponível: <https://www.abicalcados.com.br/>

“Para compreendermos as origens da indústria calçadista do Vale dos Sinos, é preciso apontar a forte tradição pecuária do Estado que remonta ao século XVII com a introdução do gado pelos jesuítas no Rio Grande do Sul, pois essa atividade representou sua primeira força econômica, e foi responsável pela sua integração ao restante do país. Inclusive o período que vai do século XVII a meados do século XIX ficou conhecido por parte da historiografia brasileira como Idade do Couro. Foram os produtos derivados do setor primário os responsáveis pelo início da industrialização gaúcha (tecidos, lãs, couro, calçados, entre outros). [...] A Idade do Couro terminou em meados do século XIX, mas sua importância na economia perdurou e lançou as bases do setor coureiro-calçadista, que impulsiona até hoje a economia do Estado” (Araújo; Schemes, 2018 p. 2-3)

Há um grande desenvolvimento produtivo e econômico em torno da industrialização calçadista no Rio Grande do Sul, principalmente no Vale dos Sinos, devido a colonização alemã, que foi precursor no segmento calçadista, com a já confecção de calçados, os sapateiros, em que o nome mais mencionado é de Pedro Adams Filho, o primeiro industrial de calçados do Vale dos Sinos, a partir da sua pequena sapataria, primeiramente, haviam pedidos específicos de calçados por parte da sua freguesia, a partir de então os pedidos de calçados começam a aumentar, conforme descreve Araújo e Schemes (2018 p. 4) “Dentro desse contexto de abundância de peles e de inserção do colono no uso e produção do calçado, foi criada, em 1901, a primeira indústria calçadista do Vale dos Sinos, de propriedade de Adams”.

O século XX, para o setor coureiro-calçadista, foi de um crescente econômica, tornando o Vale dos Sinos, principalmente o município de Novo Hamburgo, cidade ao lado de São Leopoldo, o maior polo industrial de confecção de calçados do Brasil, Novo Hamburgo inclusive ganhou o título de “a capital nacional do calçado”<sup>16</sup>, título este, mantido até hoje. Ver essa enorme potência econômica e geradora de empregos pela região toda, no Rio Grande do Sul, mas principalmente no Vale dos Sinos estagnar e ruir a partir do início da década de 90, foi algo que mexeu em toda a estrutura de poder econômico de um Estado, mexeu no bolso de uma grande massa de trabalhadores que só haviam tido experiência trabalhista neste segmento, o calçadista. A crise calçadista trouxe

---

<sup>16</sup> A industrialização no ramo calçadista impulsionou o desenvolvimento de Novo Hamburgo, transformando a cidade em um dos principais polos econômicos do Vale dos Sinos. Predominantemente voltada para o setor coureiro-calçadista, com diversas empresas de renome, a cidade conquistou o título de Capital Nacional do Calçado. (Claudia Schemes, 2005, Memória do setor coureiro-calçadista, 2005, p.31).

uma gama sem precedentes de prejuízos a toda uma estrutura que vai desde o Estado, os empresários, os trabalhadores e toda uma população, pois, o desemprego em massa afetou toda uma região.

### 3.3. A China entra com tudo

Ao falar sobre a crise calçadista, no Vale dos Sinos, diferentes fatores levaram a esse desfecho, tornando a causa principal dessa crise calçadista algo muito complexo no período da década de 90, sem dúvida alguma, o que ainda gera discussões e materiais escritos sobre a temática, é a inserção do mercado asiático, isso engloba países como a China, Filipinas e Indonésia, para a confecção de calçados. Os motivos de dar à China, que é a principal detentora do título de “monopolizar” o mercado calçadista no período dos anos 90, é que até os dias atuais é o grande fabricante de inúmeros artigos, incluindo ainda os calçados.

Para entendermos a diferença de produção de calçados na China para o restante do globo, apresento abaixo uma tabela que demonstra o volume de produção dos países produtores e exportadores de calçados no mundo no ano de 1998, em que a China produzia naquele período mais da metade da produção mundial (50,3%) dos calçados fabricados no mundo, na tabela conseguimos visualizar que o Brasil fica em 3ª posição no ranking com apenas (4,7%).

**TABELA 1: MERCADO MUNDIAL DE CALÇADOS – 1998**

Tabela – Mercado Mundial de Calçados – 1998 (Em milhões de pares) País	Volume de produção	Porcentagem (%)
China	5.520	50,3%

Índia	685	6,2%
Brasil	516	4,7%
Itália	424,9	3,9%
Indonésia	316,3	2,9%
México	270	2,5%
Tailândia	260	2,4%
Paquistão	226,8	2,1%
Espanha	220,8	2,0%

Fonte: Klock (2022) p. 29 apud Nery. Dados: ABICALÇADOS e SATRAS (2001)

Silvestrin e Triches (2006) em seu trabalho, abordam questões de como foram fatores decisivos para segmentar a abertura desse mercado asiático, a abertura de mercado justamente com valorização da moeda nacional (o Real) que entra em vigor no anos de 1994 com o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, Silvestrin e Triches (2006, p. 2), explicam que “[...] em frente ao dólar norte-americano, entre 1994 e 1998, fizeram com que a economia brasileira passasse a receber produtos provenientes do Sudeste asiático<sup>17</sup>”. Há também, um crescimento de concorrências em todo o globo sobre o mercado produtor de artigos, como o calçado, concorrência externa, mas também, do mercado interno, novos padrões de produção e incentivos fiscais, o

---

<sup>17</sup> Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Singapura, Tailândia, Timor-Leste. Disponível: <https://atlascolar.ibge.gov.br/continentes-e-regioes-do-mundo/2969-sudeste-asiatico.html>

que levou muitas empresas a reduzirem os custos, principalmente, de produção. (Silvestrin; Triches, 2006, p. 2)

Piccinini e Antunes (1997) discutem em seus trabalhos a relação do mercado internacional e como essa concorrência foi um dos fatores cruciais para a mudança de concentração de mercado produtor de calçados, sendo a China o mais mencionado, como a maior produção vindo de lá. As autoras ainda explicam que

“A recessão econômica e a globalização da economia, no final dos anos 80 e início dos anos 90, contribuíram para mudar os hábitos dos consumidores, trazendo como consequência a exigência de canais de distribuição do calçado à nível mundial. [...]. Contudo, o que se verifica com a intensificação da concorrência internacional é que a maioria dos países produtores e, inclusive o Brasil, centram sua competitividade no preço de sua mão-de-obra – chegando essa a custar somente 6% dos demais fatores de produção – e em formas de flexibilização do trabalho [...]. (Piccinini; Antunes, 1997, p. 3)

A questão do custo da mão de obra e as "flexibilizações" do trabalho são amplamente debatidas e geram uma série de outras discussões. Um dos pontos centrais é que a produção em massa, ao buscar atender à demanda por grandes quantidades de produtos, frequentemente resulta em condições de trabalho precárias. Isso envolve a contratação de um número elevado de pessoas, muitas vezes sem a devida infraestrutura, segurança e qualidade de vida. Esses fatores são comumente discutidos quando se aborda a produção em larga escala de artigos, especialmente nos países asiáticos.

No Brasil, apesar de toda uma estrutura de fiscalização através do Ministério do Trabalho e órgãos ligados a Justiça e ao Ministério do Trabalho, que são responsáveis pelas fiscalizações e os próprios sindicatos que sempre tiveram a frente primeiramente a qualquer denúncia de problemas e inconsistências dentro do processo trabalhista, se intensifica, período da década de 90, os serviços de subcontratação e a terceirização, gerando outro problema, muito grave, em que os empregadores buscavam repassar o trabalho para um *ateliê* subcontratado<sup>18</sup>, que, na maioria das vezes não possuía o mínimo de estrutura para fornecer aos trabalhadores que ali iam buscar uma oportunidade para não ficarem desempregados, lembrando que esses *ateliers*, não possuíam

---

<sup>18</sup> É a transferência da prestação de serviços a terceiros.

vinculo a nenhum órgão, ou seja, fornecia o trabalho informal, esses *atelieres* abriam e fechavam sem prestar, em muitos casos, nem o pagamento do mês do trabalhador.

Outro problema gerado pela subcontratação, conforme descrito por Piccinini e Antunes é que

“O trabalho a domicilio é efetuado também por crianças e a força produtiva domiciliar não conta com quaisquer direitos trabalhistas, sejam individuais ou coletivos. Os sindicatos visitam os atam os ateliês juntamente com o DRT (Delegacia Regional do Trabalho) e denunciam os abusos constatados. A terceirização e a subcontratação não permitem o respeito aos trabalhadores”. (Piccinini; Antunes, 1997, p. 17)

A citação de Piccinini e Antunes (1997) e as discussões sobre essa problemática relacionadas ao trabalho por terceirização, algo que até hoje causa muitas controvérsias no mundo do trabalho. Mas é importante destacarmos quão importante o papel dos sindicatos perante a fiscalização desses trabalhadores informais que também puderam contar com a proteção e ajuda desse órgão.

### **3.4. Nordeste e os incentivos fiscais**

No início da década de 1990, além do mercado internacional se voltar para a produção asiática de calçados, começa a ocorrer uma reorganização, ou melhor, uma nova realocização regional das indústrias calçadistas. Este novo “centro” produtivo come a migrar para o Nordeste do Brasil, um dos principais motivos levantados em trabalhos pesquisados, diz que, esta nova concentração se dá, principalmente, devido os incentivos fiscais, que formam elementos para novas iniciativas para gerar emprego e renda e o crescimento das indústrias calçadistas nesta região, Silvestrin e Trischs (2006) argumentam que a cidades que se destacam neste sentido são do Estado do Ceará.

As empresas calçadistas que no início dos anos 90 estavam instaladas nas Regiões do Sul e do Sudeste, também buscaram os incentivos fiscais fornecidos pelo Governo Federal para comprar novos equipamentos e para a reorganização dos sistemas fabris, mas, a grande maioria, ou melhor, as

empresas consideradas de “grande porte” deslocaram-se também para o Nordeste, um dos principais motivos: “à procura de mão-de-obra com custo menor”, ou seja, pagar menor salário para o trabalhador. (Silvestrin; Triches, 2006, p. 8)

No Brasil, a partir da década de 1990, com toda essa complexa rede de problemas econômicos, fiscais, desemprego e crise, o Governo Federal começa a lançar novos incentivos para que os Estados e os municípios possam a se reorganizar economicamente. Há inclusive, no boletim “O Martelo” na edição de março de 1999, trata do assunto como “Guerra Fiscal a verdade”, como uma forma de mostrar como esses “incentivos” na verdade foram “malefícios” para o setor calçadista no Rio Grande do Sul. A publicação disse que

“Ouvimos diariamente, nos meios de comunicação, falar sobre a guerra fiscal, entre os Estados sem nos preocuparmos como isto prejudica a classe trabalhadora. Talvez porque estamos empregados, “ainda”! Sabemos que muitas empresas do setor calçadista se estabeleceram no Nordeste, enquanto isso a GM, a Ford e algumas outras vem para o RS e receberam do governo anterior, milhões de reais e isenções de impostos para gerar muito pouco emprego. O sapateiro que consegui concluir o 2º Grau tem chance de disputar uma vaga na GM, o grau mínimo de escolaridade que pedem até para varre a fábrica. Enquanto empresas vão e outras vem só para aumentar seus lucros, milhões de impostos deixam de ser arrecadados pela união, significando menos saúde, educação e habitação, para todo o povo brasileiro e o que é pior, deixa milhares de sapateiros desempregados no RS, enquanto a GM e a Ford demitem metalúrgicos em SP. Guerra Fiscal só serve para explorar a classe trabalhadora, é a forma que este projeto Neoliberal do FHC achou para manter os altos lucros dos poderosos capitalistas. Se cada governo cumprisse com as suas obrigações cobrando os impostos dos nômades que só visam os lucros, não haveria tanto desemprego no país. (O MARTELO, 1999, p. 2)

A disputa entre os Estados para atrair investimentos econômicos, conhecida como "guerra fiscal" ou "guerra dos lugares", resultou tanto em criação quanto em perda de empregos, como evidenciado no boletim mencionado. Um exemplo disso foi a migração de fábricas, como a indústria automobilística para o Sul, que causou desemprego em São Paulo. De maneira semelhante, houve um deslocamento das fábricas de calçados do Sul para o Nordeste, o que levou à diminuição de empregos no setor calçadista no Sul. Além disso, a questão da escolaridade, conforme destacado na publicação, também contribuiu para o desemprego, uma vez que, embora houvesse vagas na GM e na Ford, muitos trabalhadores sem a escolaridade exigida acabavam

ficando mais tempo na fila do desemprego. Esse processo de competição entre países e unidades subnacionais pode ser interpretado como uma resposta à busca incessante das grandes corporações por condições que maximizem seus lucros.

### 3.5. Mudanças no fim da década de 90

A partir de 1998 seguindo para o fim da década de 90 e no início dos anos 2000, algumas transformações, conforme já referenciado ao logo do capítulo, surgem e vão modificando o cenário, que antes era de grande desemprego e preocupação, principal é ainda na região do Vale dos Sinos. Destas modificações, algumas considerações podem ser apresentadas, conforme as tabelas que seguem. A primeira corresponde ao número de empresas conforme as regiões e a segunda apresentam a quantia de trabalhadores, nesta tabela apresentada pela Assintecal em 2006, é representada pelo porte empresarial.

**TABELA 3: REPRESENTA O NÚMERO DE EMPRESAS CALÇADISTAS POR REGIÃO - (1990 A 2003).**

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Total
1990	11	340	4.625	2.486	203	7.665
1991	11	326	4.499	2.445	190	7.471
1992	17	348	4.772	2.668	294	8.099
1993	14	361	4.645	2.692	310	8.022
1994	8	196	3.239	2.156	132	5.731
1995	7	251	3.313	2.152	146	5.869
1996	10	266	3.009	2.008	135	5.428
1997	17	325	3.217	2.231	157	5.947
1998	15	361	3.206	2.321	133	6.036
1999	15	405	3.240	2.530	156	6.346
2000	12	433	3.321	2.918	176	6.860
2001	18	464	3.487	3.219	186	7.374
2002	21	458	3.647	3.281	196	7.603
2003	23	480	3.798	3.433	193	7.927

Fonte: Assintecal, (2006).

A partir da análise da tabela acima, conseguimos perceber que entre os anos de 1998, na região Sul, havia 2.321 empresas calçadistas, em 1999 já eram 2.530 na região Sul, em 2000 já se contava com um número expressivo de indústrias do ramo calçadista, se comparado com início da crise calçadista, em 2000 o número de empresas era de 2.918, um crescimento médio do número de empresas calçadistas na região Sul entre 1998 e 2000 foi de aproximadamente 25,73%.

**TABELA 3: REPRESENTA O NÚMERO DE TRABALHADORES NA INDÚSTRIA CALÇADISTAS BRASILEIRA – (1990 A 2003).**

Ano/Porte	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1990	14.246	26.519	109.230	76.639	226.634
1991	12.922	23.765	108.096	69.918	214.701
1992	13.342	24.563	115.597	82.901	236.403
1993	13.436	27.333	122.838	93.880	257.487
1994	9.606	28.672	116.980	85.327	240.585
1995	9.296	25.077	87.476	74.610	196.459
1996	8.760	25.781	89.581	78.646	202.768
1997	10.668	27.328	81.180	63.511	182.687
1998	10.467	26.546	78.554	69.158	184.725
1999	11.289	29.798	89.787	80.708	211.582
2000	12.271	35.147	100.386	92.588	240.392
2001	12.878	38.082	105.150	92.719	248.829
2002	13.749	38.498	106.700	103.590	262.537
2003	14.296	39.674	110.308	107.846	272.124

Fonte: Assintecal, (2006).

Já na segunda tabela, se analisarmos, no âmbito nacional no segmento calçadista, que serve como um parâmetro, já que o Vale dos Sinos, continuava sendo um dos maiores polos do calçado do Brasil, no que diz respeito a geração de empregos no setor, de maneira formal, podemos analisar as seguintes informações. Em 1998, no ramo calçadista havia 184.725 empregos, foi o menor ano em relação a empregos no setor (1990 a 2003) que aparece na tabela, mas em 1999 o índice subiu para 211.582 empregos no ramo no Brasil, já em 2000 esse número passou para 240.392 postos de empregos no setor calçadista.

Com base nas informações fornecidas, podemos analisar o crescimento do número de empregos no setor calçadista no Brasil entre 1998, 1999 e 2000,

sendo que, entre 1998 e 1999, houve um aumento de 14,58% no número de empregos no setor calçadista, entre 1999 e 2000, houve um aumento de 13,65% no número de empregos no setor calçadista. No total, houve um crescimento de 30,16% no número de empregos no setor calçadista durante esse período, o que sugere uma recuperação do setor após o pior momento de empregos em 1998.

Nos informativos do sindicato, já havia uma “esperança” de tempos melhores, com a virada do milênio a partir dos 2000, no qual podemos ver no informativo de dezembro de 2000, mesmo que com uma “certa melhora”, no setor de exportação, conseqüentemente para todo o setor calçadista, ainda não se podia recuar nas lutas pelos direitos dos trabalhadores e o sindicato estava sob vigilância constante, no informativo o Sindicato expõe a seguinte questão

“Exportações crescem, mas o salário não. A recuperação do setor calçadista é, sem dúvida, uma boa notícia para a economia do nosso Estado. Pena que essa melhoria não esteja se refletindo na qualidade de vida dos sapateiros. Na hora de negociar os salários, os patrões vem sempre com a mesma choradeira, a mesma lengalenga de que devemos esquecer que o aumento na produção e exportação de calçados se deve à mudança na política cambial e, ao Projeto de recuperação da matriz produtiva do Governo do Estado. Através deste Programa, o Governo Gaúcho conseguiu fazer com que o Vale dos Sapateiros voltasse a produzir e criar empregos. Para isso, quase todos estão fazendo a sua parte. Os sapateiros trabalhando e o Governo do Estado incentivando, mas e os empresários? Só querem se beneficiar do trabalho de todos e encher os bolsos com o lucro que cresce a cada mês. (O MARTELO, dez 2000, p 1)

Analisando essas informações, indica que, ao longo desses períodos, houve um aumento considerável no número de empresas calçadistas na região, devido aos incentivos do Governo do Estado. Mesmo em um contexto de crise calçadista, podemos perceber que há uma recuperação ou adaptação do setor ao fim dessa década e o início de um novo milênio.

As indústrias calçadistas que estavam em atividade na cidade São Leopoldo no período entre 1998 e 2000, podem ser visualizadas conforme informações fornecidas pela empresa Futura Indústria de Calçados LTDA, que refere-se a indicativos que eram fornecidos pelo Sindicato do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, sendo 3 (três) planilhas que constam dados como as empresas de calçados, de componentes e do segmento de vestuário, com as informações de quantidade de funcionários por empresa nas cidades de

São Leopoldo e de Portão, vamos analisar os dados pertencentes somente à São Leopoldo e que são fábricas de calçados.

**TABELA 4: NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO-JUNHO) - ANO 1997.**

**LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DAS EMPRESAS ASSOCIADAS  
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO**

EMPRESAS:  
ANO: 1997

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ARNO HUGO SOARES	05	05	05	05	05	05						
CALÇADOS GLÓRIA	08	08	08	08	08	08						
CALÇADOS REWINCK LTDA	07	07	07	07	07	07						
CZARINA S/A	429	401	405	392	380	365						
CONFECÇÕES PRIORI LTDA	04	04	02	02	02	02						
CURTUME KERNE MATIES S/A	76	74	06	06	06	06						
EXPANDE COMP. DE CALÇADOS	73	73	70	77	80	77						
GASOLINE IND. DE MODA LTDA	28	28	16	17	17	17						
IND. DE CALÇADOS LIARA	40	19	19	23	23	21						
IND. DE FORMAS BUHLER S/A	35	35	35	35	39	37						
IND. DE CALÇADOS SAMUARA	04	04	04	04	04	04						
IND. DE CALÇADOS GOLFFLEX LT	219	196	166	76	72	71						
OSWALDO VIEIRA & CIA LTDA	04	04	04	04	06	08						
PARAMOUNT IND. TÊXTIL LTDA	04	04	04	04	03	02						
RENATO LERNER	04	04	04	04	03	02						
SANDER IRMÃOS LTDA	93	94	100	106	95	120						
SÃO PAULO ALPARGATAS S/A	174	41	08	08	07	06						
<b>EMPRESAS DE PORTÃO</b>												
CALÇADOS AZALÉIA FILIAL 19	742	743	712	704	720	678						
CALÇADOS BRASINHA S/A	158	166	189	193	201	200						
IND. DE CALÇADOS BAMBINI LT	95	108	106	108	95	95						

Fonte: RH – Futura Indústria de Calçados LTDA, (2024)

Analisando a imagem da tabela acima de referência do ano de 1997, um ano antes objeto deste trabalho, podemos analisar que, existiam 8 (oito) fábricas de calçados na cidade de São Leopoldo, a maior (CZARINA S/A), contendo em janeiro de 1997 o número de 429 funcionários ativos e em junho do mesmo ano o número de 365 funcionários ativos, uma redução de aproximadamente 14,94% no número de funcionários da CZARINA S/A entre janeiro e junho de 1997.

Outra empresa que chama a atenção é a SÃO PAULO ALPARGATAS<sup>19</sup> S/A, por três motivos, o primeiro é que, na década de 90, esta empresa era uma das mais importantes do ramo, ainda continua sendo, empregava em janeiro de 1997, 174 funcionários ativos nesta unidade que se localizava no bairro Scharlau em São Leopoldo, já em junho de 1997, a empresa contava em seu quadro com somente 6 (seis) funcionários. O segundo ponto é que nos boletins fornecidos pelo Sindicato, a empresa não foi mencionada posterior as demissões, não há menção por parte do Sindicato do que ocorreu e nem de processos trabalhistas. O terceiro ponto é que há uma redução muito drástica no número de funcionários do mês de janeiro de 1997 para o mês de fevereiro de 1997, que passou para 41 funcionários, no mês de março passou para 8 (oito) funcionários, mantendo-se assim até reduzir para 6 em junho de 1997, após isso, não localizei mais informações sobre as planilhas como esta apresentada acima. Mas nos apresenta dados como, uma redução de 96,5% no quadro de empregados em apenas cinco meses e nos deixa com algumas lacunas em aberto que nos faz refletir algumas questões, como, o que estes trabalhadores pensaram quando foram desligados? Ou foram todos de uma só vez? Para onde foram trabalhar? Sendo que a crise era devastadora, conforme conseguimos analisar nesses dois casos acima no ano de 1997.

---

<sup>19</sup> A São Paulo Alpargatas S/A manteve seu Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em São Leopoldo até novembro de 2006, apenas direcionado para pesquisa e desenvolvimento da marca, trabalhavam 60 funcionários. Após o fechamento total da unidade em São Leopoldo, esse setor foi transferido para as suas fábricas de Campina Grande e João Pessoa (PB), conforme seguem mais informações em <https://br.fashionnetwork.com/news/Alpargatas-fecha-unidade-em-sao-leopoldo,206801.html>

**TABELA 5: NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO-FEVEREIRO) - ANO 1998.**

LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DAS EMPRESAS ASSOCIADAS  
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO

EMPRESAS:  
ANO: 1998

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ARNO HUGO SOARES	03	03										
CALÇADOS REWINCK LTDA	02	02										
CZARINA S/A	282	355										
CONFECCÕES PRIORI LTDA	02	02										
EXPANDE COMP. DE CALÇADOS	64	62										
FUTURA IND. CONFECCÕES LTDA	24	24										
GASOLINE IND. DE MODA LTDA	19	19										
IND. DE CALÇADOS LIARA	09	09										
IND. DE FORMAS BUHLER S/A	31	32										
IND. DE CALÇADOS SAMUARA	-+-	-+-										
IND. DE CALÇADOS GOLFLEX LT	157	158										
OSWALDO VIEIRA & CIA LTDA	05	05										
PARAMOUNT IND. TÊXTIL LTDA	-+-	-+-										
RENATO LERNER	02	02										
SANDER IRMÃOS LTDA	127	127										
EMPRESAS DE PORTÃO	.											
CALÇADOS AZALÉIA FILIAL 19	642	628										
IND. DE CALÇADOS BAMBINI LT	82	-+-										

Fonte: RH – Futura Indústria de Calçados LTDA, (2024)

Já analisando a segunda tabela fornecida pelo Sindicato para as empresas do ramo, mesmo a empresa Futura Indústria de Calçados, ter iniciado suas atividades em março de 1997, na imagem anterior está fábrica ainda não constava, já nessa tabela de 1998, a fábrica aparece constatando com um quadro de 24 trabalhadores. O que chama a atenção sobre isso é que, além de ser uma empresa que inicia suas atividades em pleno momento de crise, e que realocou alguns funcionários que saíram da SÃO PAULO ALPARGATAS S/A, quando esta diminui seu quadro de funcionários e posteriormente encerrou suas atividades, é que empresa Futura Calçados também se localizava, e se localiza ainda, no bairro Scharlau e foi responsável, de certa forma, por contribuir com a abertura e manutenção de novos postos de trabalho na região Nordeste de São Leopoldo, empregando muitos moradores da região.

Hoje para se ter uma ideia, da representatividade desta fábrica para a geração de emprego e renda para o município de São Leopoldo, principalmente, no bairro Scharlau, é que a fábrica emprega hoje uma média de 72 trabalhadores formais, sendo a única fábrica de calçados ainda em atividade no município de

São Leopoldo, apesar de estar vivenciando uma nova crise calçadista que vigora desde a pandemia de COVID 19 em 2020. (Informações fornecidas pelo setor de RH da empresa Futura Calçados, 2024)

Se em 1997 havia (oito) fábricas de calçados em São Leopoldo, em 1998 esse número cai para 6 (seis) fábricas. Isso reflete, ainda, as dificuldades que o setor calçadista vinha enfrentando durante o período de crise. As fábricas estão em processos de adaptar-se às novas exigências do mercado.

Sobre o número de funcionários na CZARINA S/A que é a fábrica com o maior número de trabalhadores, se em junho de 1997 contava com o número de 365 trabalhadores, em janeiro de 1998 esse número reduz ainda mais, contando com um número de 282 trabalhadores, em fevereiro do mesmo ano esse número sobe para 355 trabalhadores, então, se em junho de 1997 a CZARINA S/A tinha 365 funcionários, em janeiro de 1998 esse número caiu para 282 funcionários, a empresa teve uma redução de 83 trabalhadores (cerca de 22,7% de redução). Já em fevereiro de 1998, o número aumentou para 355 funcionários, um aumento de 73 trabalhadores (aproximadamente 25,9%).

Uma lastima não haver, uma sequência dessa planilha, nem no Sindicato, nem na Futura Calçados, mas, ainda que as informações percebam os dois primeiros meses de 1998, podemos perceber que há uma estabilidade seguida de uma pequena melhora para os trabalhadores do setor calçadista em São Leopoldo no que diz respeito a desemprego e demissões.

**TABELA 6: NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS POR EMPRESA – (JANEIRO-  
OUTUBRO) - ANO 1999**

**LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS DAS EMPRESAS ASSOCIADAS  
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO**

EMPRESAS  
ANO: 1999

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ARNO HUGO SOARES	03	03	03	03	03	03	03	03	03	03		
CALÇADOS REWINCK LTDA	07	02	01	01	01	01	01	01	01	01		
CONFECÇÕES NETE LTDA	03	03	03	03	03	03	03	03	03	03		
EXPANDE COMP. DE CALÇADOS	65	63	62	63	69	68	69	67	63	63		
FUTURA IND. DE CALÇ. LTDA	30	30	30	30	30	33	35	41	40	40		
GASOLINE IND. DE MODA LTDA	21	21	24	24	24	24	24	24	24	40		
IND. DE CALÇADOS LIARA	06	07	06	06	06	09	09	09	09	09		
IND. DE FORMAS BUHLER S/A	34	35	35	38	36	39	39	39	38	37		
IND. DE CALÇADOS SAMUARA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
IND. DE CALÇADOS GOLPLEX LT	239	238	232	221	218	226	246	223	201	197		
MARIA LUIZA SPERAFICO	05	05	05	05	05	05	05	05	05	05		
OSWALDO VIEIRA & CIA LTDA	02	02	02	03	03	03	03	03	02	02		
PARAMOUNT IND. TEXTIL LTDA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
RENATO LERNER	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
SANDER IRMÃOS LTDA	75	85	80	80	80	80	80	80	78	78		
EMPRESAS DE PORTÃO												
CALÇADOS AZALÉIA FILIAL 19	664	657	658	618	620	616	609	605	599	599		
<b>TOTAL</b>	<b>1.149</b>	<b>1.150</b>	<b>1.141</b>	<b>1.095</b>	<b>1.098</b>	<b>1.097</b>	<b>1.110</b>	<b>1.103</b>	<b>1.066</b>	<b>1.067</b>		

Fonte: RH – Futura Indústria de Calçados LTDA, (2024)

Na última imagem, que refere a tabela de 1999, pois a do ano 2000 não foi localizada. Temos um número maior de informações, pois, ela está preenchida de janeiro de 1999 até outubro de 1999, então, constam na imagem o número de 6 (seis) fábricas de calçados em São Leopoldo, porém, a empresa CZARINA S/A, não está mais em atividade.

A indústria calçadista de São Leopoldo, embora tenha enfrentado uma crise crescente no final do século XX e início do século XXI, mostra sinais de recuperação ao longo do tempo. Analisando a documentação fornecida pelo Sindicato e pela empresa Futura Calçados, é possível observar uma leve melhora no cenário. Embora algumas fábricas tenham fechado e outras tenham surgido, o desemprego ainda era uma preocupação para os trabalhadores. No entanto, o mercado de trabalho começava a se reerguer, com novos atores surgindo no processo.

Nos boletins fornecidos pelo Sindicato, em muitas publicações de “O Martelo” foram informadas algumas considerações sobre a empresa CZARINA S/A, com muitas reivindicações e protestos por parte do Sindicato dos

Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão. Essa indústria quando fechou, não pagou os direitos dos funcionários e o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuários de São Leopoldo e Portão, teve um papel fundamental para a manutenção das garantias básicas dos trabalhadores do setor. Para entendermos melhor como foi a atuação do Sindicato dos Trabalhadores perante a situação da CZARINA, analisaremos melhor os boletins “*O Martelo*” no próximo capítulo.

#### **4. CAPÍTULO III: O PAPEL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SÃO LEOPOLDO NA CRISE CALÇADISTA ENTRE 1998 E 2000**

Neste capítulo, será trabalhada a questão direta do trabalho do Sindicato no contexto da crise do calçado no período de 1998 a 2000 em São Leopoldo, investigar qual foi a atuação dos Sindicatos dos Trabalhadores Calçadistas de São Leopoldo (RS), entre 1998 e 2000, em relação à luta pelos direitos dos trabalhadores deste setor calçadista.

A partir da literatura escolhida e dos recortes de artigos, bem como documentação fornecida pelo Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, através dos boletins informativos “*O Martelo*”. Assim como, documentos fornecidos pela empresa Futura Calçados, buscarei compreender a importância do trabalho do Sindicato junto à massa de trabalhadores em meio ao momento de crise vivido entre 1998 e 2000. Apresentado, de maneira clara e objetiva, os elementos constantes nestes documentos fornecidos, unindo ideias e fechando as questões apresentadas na introdução e no desenvolvimento do trabalho.

##### **4.1. Atuação em Tempos de Crise**

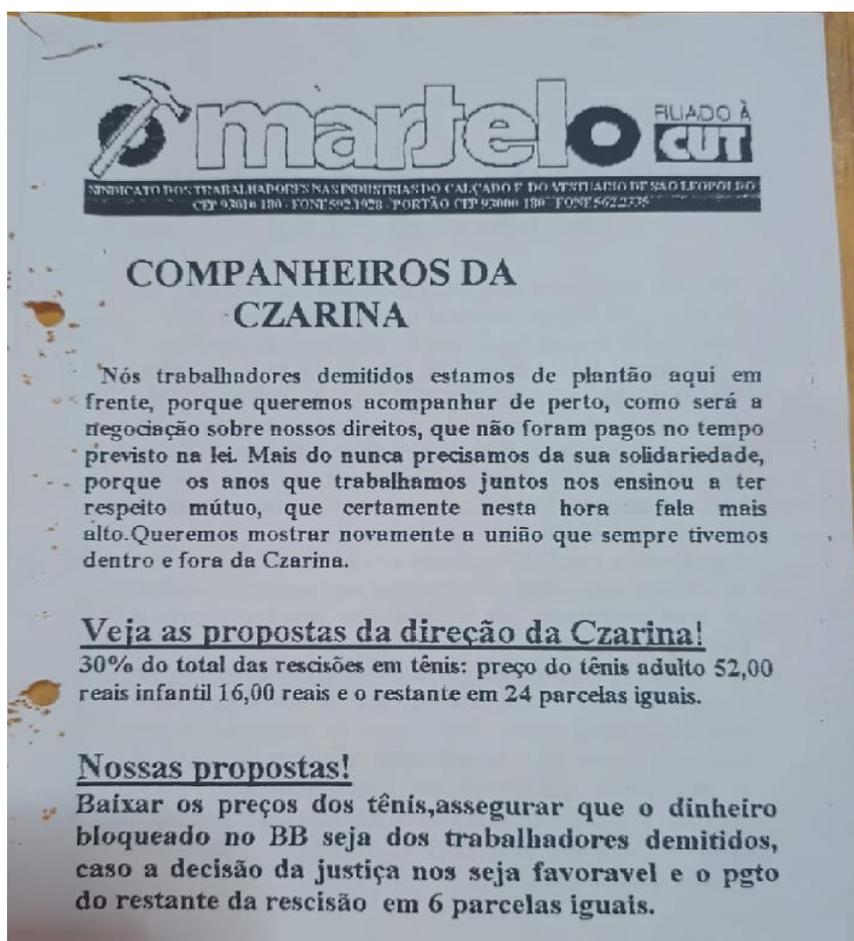
Dentro do contexto de instabilidade econômica, sem haver uma reestruturação setorial, os sindicatos dos trabalhadores de toda a região do Vale dos Sinos, desempenharam um papel essencial na proteção dos direitos dos trabalhadores do ramo calçadista, ajudando a evitar demissões em massa, e estas quando ocorriam, eram intermediadas pelo sindicato e órgãos competentes, como Justiça do Trabalho e as fábricas, que fechavam da noite para o dia, conforme evidenciado no trecho do relato relatório entregue a 3 (três) trabalhadores, que estavam trabalhando em fábricas de calçados em São Leopoldo no período entre 1998 e 2000.

“Eu trabalhava na divisa de Novo Hamburgo com São Leopoldo, eu acho que a fábrica ficava na parte que é de São Leopoldo, o dono era um turco, era meu amigo, mas não dava pra confiar muito, ele não gostava do dia que era

de pagto dos salários. Eu acho que trabalhei lá de 1997 até 1999, as coisas não estavam boas a muito tempo e tínhamos muito medo de chegar pra trabalhar e a fábrica estar fechada e foi o que aconteceu, um dia chegamos e estava tudo fechado, tinha um caminhão lá dentro carregando as máquinas, foi quando chamamos o sindicato para nos ajudar a fazer a vigília lá na frente, ninguém entra mas ninguém sai também” (P.R.S, 2024)

Conforme análise dos boletins informativos, ao todo foram 4 (quatro) vezes que o Sindicato se pronunciou devido a processos e informações sobre o andamento da liberação de benefícios para os trabalhadores, conforme podemos ver na imagem a seguir, sem data, mas segue na sequência da pasta do Sindicato que fica dentro do período de junho e dezembro de 1998.

**FIGURA 3: BOLETIM “O MARTELO” – ANO 1998.**



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Calçado de São Leopoldo e Portão, (2024).

O Sindicato, conforme registrado nas páginas de “*O Martelo*”, continuava sua luta em busca de soluções justas, visando garantir que os trabalhadores recebessem seus direitos trabalhistas em dinheiro e não em “tênis”, como a indústria propôs para os funcionários demitidos.

As mobilizações contra o fechamento de fábricas ou a redução das operações, eram movimentações que o Sindicato organizava para que os trabalhadores pudessem movimentar as manifestações e campanhas para pressionar as empresas a manterem suas operações e evitar demissões em massa e, principalmente, se ocorresse o fechamento da empresa, o Sindicato organizava a “vigília” na frente da empresa para que o “dono” não retirasse no período noturno o maquinário e equipamentos de maior valor. Essas ações buscavam “proteger” os trabalhadores dos abusos que eram cometidos a partir da falência e fechamento de uma fábrica.

Conforme mostrado nas fontes documentais, a crise calçadista teve um impacto profundo nas condições de trabalho e no mercado de emprego. No entanto, as entrevistas realizadas com trabalhadores fornecem uma perspectiva mais pessoal sobre esse período conforme evidenciado logo acima no trecho fornecido por um dos antigos trabalhadores.

Um outro entrevistado, (O.J.D.B) um ex-funcionário das empresas (CZARINA, Macorel e Baldo), relatou também ao ser perguntado como a crise calçadista lhe afetou no período fim da década de 90, em que ele responde “Desemprego falência de uma empresa Macorel ficando sem salário e direitos rescisórios e sim emocional financeiro e psicológico” e ao perguntado sobre como o Sindicato ajudou de alguma forma, o trabalhador responde que “Sim em algumas coisas com pagamento de firma parcelado nos salários atrasados – um pouco – mas não muito” e acrescenta que “após 2000 não fiquei mais desempregado”.

Em outro relato outra entrevistada, voltou ainda mais no tempo, desde quando começou a trabalhar em 1992, em que a entrevistada (J.O.O) de 47 anos, consegue mostrar através de sua fala, quando a crise começou a afetar os trabalhadores através do atraso dos salários e mesmo sendo em Novo Hamburgo o início das suas atividades, ela trabalhou em fábricas de calçados

em São Leopoldo e Novo Hamburgo e conforme já evidenciado neste trabalho, as cidades são muito próximas, o que colocou estas cidades pertencentemente aos mesmos problemas gerados pela crise calçadista, em Novo Hamburgo sendo mais afetada, pois continha um número muito maior de fábricas do ramo calçadista. Em seu depoimento J.O.O diz que

“Meu primeiro emprego foi em 1992 na Haas S/A Indústria e Comércio. Em 1995 a empresa começou a atrasar pagamentos e não recolher FGTS e INSS. Às vezes recebíamos o pagamento na data do adiantamento e assim por diante. Em sete de novembro deste ano, data que seria o pagamento, fomos avisados de que a empresa não teria o dinheiro para pagar os funcionários, sendo nós nos revoltamos e nos negamos a trabalhar diante da situação, no entanto a empresa nos demitiu por justa causa alegando estar em dia com os pagamentos. O sindicato nos aconselhou que assinássemos a demissão por justa causa e revertesse na justiça, e assim fizemos depois de um ano mais o menos a justa causa foi revertida recebemos o valor que tinha de FGTS e o pagamento da rescisão foi parcelado para trinta meses, eu recebi uns quatorze meses mais ou menos, depois pararam de pagar e posteriormente decretaram falência”. (J.O.O, 2024)

Ao ser perguntada o que melhorou a partir de 1998, a entrevistada responde que

“Para mim melhorou bastante, em comecei a trabalhar na Paulina Indústria de Calçados em setembro de 1997 trabalhei até a empresa fechar em junho de 2008, como nós produzíamos mercado interno sempre tinha serviço, nesta empresa também tive chance de crescimento profissional, sai da produção e fui trabalhar no PCP – planejamento e controle de produção. Deste então não tive mais atrasos no pagamento de salário e também as empresas que trabalhei até agora sempre recolhem FGTS e INSS em dia”. (Idem)

Sobre a atuação do Sindicato, de que forma o este ajudou para amenizar nesse momento de crise, (J.O.O) finaliza dizendo que “O sindicato aconselhou assinar a justa causa conforme já mencionei, e através do sindicato entrei já justiça para reverter a justa causa”

As falas destacam alguns aspectos principais sobre o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão no contexto da crise do setor calçadista, como apoio na defesa dos direitos trabalhistas, podemos perceber conforme menciona a entrevistada que recorreu ao Sindicato para ingressar com uma ação judicial, buscando reverter uma demissão por justa causa. Também com a orientação de como os te como os trabalhadores deveriam prosseguir em momentos de crise como mediador ou orientador em

situações conforme evidenciada por (P.R.S). Esses pontos revelam que o Sindicato desempenhou um papel tanto de suporte jurídico quanto de orientador em momentos de dificuldade, embora as percepções sobre sua atuação possam variar conforme a experiência de cada trabalhador.

A atuação do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado de São Leopoldo, perante a crise que iniciou na década de 90 e que reduziu drasticamente o número de empregos formais no setor calçadista em toda a região do Vale dos Sinos, foi fundamental pra conter os abusos cometidos e as injustiças que os trabalhadores estavam submetidos constantemente, o medo do desemprego, da falência da fábrica, e do desamparo para com esses trabalhadores, por parte dos empregadores e por parte do governo, era algo que o Sindicato intermediava, e mesmo apesar de todas as dificuldades em reorganizar e intermediar as demandas dos trabalhadores, uma questão levantado por Piccinini e Antunes (1997, P.12) é que “[...] houve uma reorganização da estrutura e/ou estratégia da maioria dos sindicatos, especialmente daqueles filiados à CUT”, ou seja, havia uma estrutura maior através da filiação a essa Central Sindical, que era, e continua sendo, a maior Central Sindical do Brasil, que fortaleceu as negociações coletivas entre os sindicatos e as empresas, garantindo reajustes salariais justos, melhores benefícios daqueles sindicatos filiados à CUT, que era o caso do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão.

#### **4.2. Representatividade e Negociação coletiva**

O Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, a partir da representação da categoria em relação as negociações coletivas<sup>20</sup>, no período da década de 90, destacando, nas Convenções Coletivas de Trabalho, a obtenção das garantias de leis e de benefícios ao trabalhadores,

---

<sup>20</sup> Trata-se de acordos firmados entre sindicatos de trabalhadores e empregadores com o objetivo de definir condições de trabalho que conciliem os interesses de ambos. Aos trabalhadores, garantem direitos específicos, como jornada de trabalho “adequada”, medidas de segurança no ambiente laboral, podem assegurar aumentos salariais acima do mínimo legal, além de benefícios como auxílio-alimentação, plano de saúde, transporte e participação nos lucros.

que são mantidas até os dias atuais, como, por exemplo, a garantia de uma salário base pertencente à cada categoria em que os trabalhadores possam saber que aquela empresa não poderá pagar menos que aquele valor base determinado pelos Sindicatos (Patronal e dos Trabalhadores) firmado em conjunto com as necessidades do trabalhador e anexado a Convenção Coletiva de Trabalho.

Dos informativos analisados, 33 (trinta e três) no total, pertencentes ao período, 1998 a 2000, nas publicações de “*O Martelo*”, constam, 19 (dezenove) vezes que o Dissídio Coletivo<sup>21</sup> ou Aumento Coletivo, foi mencionado como uma das pautas principais do Sindicato, convocando os trabalhadores (sapateiros) de São Leopoldo para participarem das reuniões ou para informar sobre as negociações de aumento salarial para trabalhadores do calçado. Essa quantidade de publicações exigindo um aumento considerado justo para a categoria de que os trabalhadores, tivessem, de certa forma seus “direitos” garantidos ou preservados, que todos os trabalhadores pudessem receber um salário o mais justo e minimamente adequado com a situação vigente do período, que eram de inflação e desemprego. O Sindicato dos Trabalhadores de São Leopoldo e Portão, contão, contribui para que seus membros, sócios, ou não, pudessem ter uma voz ativa na definição de seus direitos. Essa representatividade foi essencial em um momento de crise, com alta desigualdade social e econômica que assolava esse período da década de 90, em que muitos empregados dependiam de acordos coletivos para garantir condições dignas de trabalho.

---

<sup>21</sup> O Dissídio Coletivo é um processo judicial utilizado para resolver conflitos entre sindicatos de trabalhadores e empregadores quando não há acordo em negociações coletivas. O dissídio é julgado pela Justiça do Trabalho, mais especificamente pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da região ou, em alguns casos, pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST). Enciclopédia Jurídica da PUCSP. Disponível: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/388/edicao-1/dissidio-coletivo-de-trabalho-e-acao-de-cumprimento>

### 4.3. O que dizem os informativos sindicais?

Para dar a visão necessária para esta pesquisa, foi de grande validade a análise dos informativos sindicais, ou, como descrito na “pasta” fornecida pelo Sindicato Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, os “boletins” que trazem algumas informações aos trabalhadores do segmento, e principalmente, traz muitas reivindicações, em que, o sindicato, tinha como forma de expor o que estava acontecendo dentro das indústrias da pertencentes a região de São Leopoldo, cidade objeto desta pesquisa, e das fábricas que estavam inseridas na cidade de Portão, estas duas cidades são pertencentes a categoria deste sindicato. Nos informativos sindicais (boletins) foram analisadas as publicações que abordam temas relevantes no mundo do trabalho, como negociações coletivas, as legislações e a vida sindical para com o trabalhador.

Foram fornecidos os informativos do período de 1994 até 2013, mas, como o objeto temporal desta pesquisa é de 1998 até 2000, serão, neste momento, estes informativos que serão evidenciados, para melhor compreensão do que foi o período de crise e como o sindicato atuou para e se posicionou para garantir os direitos destes trabalhadores em frente a maior crise calçadista enfrentada no Vale dos Sinos, que se deu a partir do início da década de 1990, tendo suas extensões ainda atualmente.

No total foram analisados, 33 informativos (boletins) sindicais chamado “O Martelo”, que começou a circular em 1994, sendo utilizado até os dias atuais para informar aos trabalhadores o que está acontecendo no “mundo do trabalho”, principalmente, dentro da categoria do calçado. Abaixo temos a imagem do último informativo do ano de 2000, distribuído aos trabalhadores em dezembro de 2000, com a principal pauta, informar aos trabalhadores que “no dia 24/11 encaminhamos a pauta ao Sindicato Patronal com as reivindicações que os trabalhadores aprovaram nas Assembleias de São Leopoldo e Portão”. (O MARTELO, 2000, p.1)

**FIGURA 4: ÚLTIMA PUBLICAÇÃO DO ANO 2000 DE “O MARTELO” –**



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Calçado de São Leopoldo e Portão, (2024).

Embora o último informativo não mencione diretamente o tema da crise, é fundamental analisarmos as questões tratadas pelo sindicato em relação aos trabalhadores no período abordado por esta pesquisa. Isso se torna especialmente relevante porque, ao final do ano 2000, já havia uma estabilização em relação ao desemprego no setor e às empresas em funcionamento na região, como demonstrado nas tabelas 2 e 3 (nas páginas 41 e 42) deste trabalho.

É fundamental destacar que os informativos analisados do período abordam, de forma direta em algumas ocasiões e de maneira indireta em outras, questões relacionadas à crise calçadista. Em suas publicações, de forma subjetiva e nas "entrelinhas", são apresentadas informações e propostas que

visam, de alguma forma, “auxiliar” no enfrentamento da crise vivida no final da década de 90 e início dos anos 2000. A análise destes informativos serve como base para entendermos como era a visão, principalmente, pós crise, dos funcionários e patrões e como o sindicato atuava entre as duas partes, para de alguma forma, amenizar alguma má administração ou problemas entre ambos os lados, claro, protegendo os trabalhadores.

*“PROTESTE - Nós só temos uma vida e ela merece respeito. É por esta razão que lutamos para sobreviver. Queremos dignidade para quem constrói este país”. Trecho de “O Martelo”, autor desconhecido, (nov. 1999).*

É interessante pensar como os boletins do Sindicato buscava alertar seus trabalhadores sobre várias pautas que iam desde a crise calçadista, até os incentivos criados pelos governos, tanto estadual como federal. O boletim foi uma forma muito importante e dinâmica para denunciar as diferentes formas de descasos, humilhações, intimidações e como isso se manifestava no meio dos trabalhadores (sapateiros), e, na sociedade. É possível perceber a forte presença de solidariedade e crítica a algumas atitudes dos trabalhadores, que em determinadas ocasiões “esqueciam” do quanto era importante a união de um grupo todo ser unido, e que só o sindicato sozinho não conseguiria fazer a diferença.

A análise dos boletins sobre como o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, ajudou os trabalhadores (sapateiro) a enfrentar a crise calçadista no Vale dos Sinos. A análise dos boletins já vem aparecendo ao longo dessa pesquisa, porém nesse capítulo, a proposta é de verificar, a partir da análise dos 33 boletins do período entre 1998 e 2000, com a menção com a temática “crise”, foi observado em 11 deles a presença de argumentos dos redatores utilizando a crise no contexto como alguma informação de processo ou reportagem.

No quadro abaixo, está listado todos os boletins e o contexto utilizados pelo informativo para entendermos de que forma e o que estava sendo abordado no fim dos anos 90 e início dos anos 2000 pelo Sindicato dos Trabalhadores.

**TABELA 7: INFORMATIVOS QUE EVIDENCIAM A CRISE CALÇADISTA –  
NAS PUBLICAÇÕES DE “O MARTELO” - (1998-2000).**

Ano /Mês	Pág	Título	Assuntos Gerais	Assuntos ligados a crise / Trechos que falam sobre a crise calçadista
1998 (Fev)	4	Trabalhadores da Czarina	Processos / Democracia / Fofocas / Banco do Brasil / FHC chama trabalhador de vagabundo.	Convocação para os trabalhadores da empresa Czarina ficarem cientes dos processos encaminhados via sindicato para que os funcionários, tanto os demitidos, como os que continuam trabalhando na empresa tenham seus direitos preservados.
1998 (jul)	2	MARCHA DOS SEM! REALIZADA 23/07	Marcha dos Sem! / Resumo da Assembleia geral / atendimento e convênios / O analfabeto político / Dissídio Coletivo.	“Dissídio coletivo: a forma como o Sindicato Patronal vem tratando o dissídio da categoria neste momento de <b>crise</b> é no mínimo desumano.
1998 (set)	1	Dissídio Coletivo	Dissídio Coletivo / Máquinas x Sucatas / O analfabeto político.	Traz novamente a maneira que o Sindicato Patronal agiu com o dissídio da categoria neste momento de <b>crise</b> , as cláusulas impostas, trazendo miséria aos trabalhadores. Não aceitação das imposições, decidindo entrar na justiça, solicitação de aumento

				referente a inflação de 1997 que foi de 4,38%
1998 (nov)	2	Assembleia de Dissídio Coletivo	Pautas / A crise e a situação atual dos trabalhadores! / Dissídio 1998 / O pacote do Governo.	A <b>crise</b> e a situação atual dos trabalhadores – Para sobreviver a este momento de crise é preciso que os trabalhadores tenham muita união e solidariedade entre si.
1999 (mai)	2	Eleições Sindicais	Chapa única / Diretoria do sindicato 1999-2001 / Planos de lutas / Somos brasileiros SIM, mas até quando? / Avaliação / Atrás da Máquina há um ser humano	Durante três anos da diretoria esteve representado os trabalhadores, mesmo com todas as dificuldades, cumpriu seu papel, defender o direito dos trabalhadores, travando grandes lutas, enfrentado falências de empresas, não deixando os trabalhadores desamparados.
1999 (mai)	2	Assembleia para tirada de delegados da federação	O que representa a federação democrática! / O desemprego / GOLPE NA APOSENTADORIA	Embora o Governo FHC diga que o pior já passou, a verdade neste mês de maio é uma precária situação para os trabalhadores.
1999 (jun)	2	Eleições Sindicais: Resultados	Resultados das Eleições Sindicais / Rumo a unificação / Campanha de sócios / CUT convoca a Marcha dos SEM / Orçamento Participativo /	PROGRAMA DO GOVERNO CRIOU 70 MIL NOVOS EMPREGOS – Para reverter o quadro de desemprego no Estado o governo está adotando várias medidas nos diferentes setores: agricultura, coureiro-calçadista, entre outros projetos.

			Dinheiro para quem precisa	
1999 (set)	4	Sapateiros Unificados – Informativo da Associação Unitária dos Trabalhadores na Indústria – Dois Irmãos e Morro Reuter, Ivoti e Região, Novo Hamburgo e São Leopoldo e Portão.	Sindicatos querem mais Evolução no ano 2000 / Um novo milênio repleto de lutas / Campanha salarial está começando.	Chegamos ao fim de mais um ano difícil na vida dos brasileiros. Junto com o desemprego, que assombra os trabalhadores desde o início do Plano Real, também veio a inflação. A estimativa é que, ela chegue a 20%. O nosso calçado, que havia perdido a competitividade no mercado internacional por causa da valorização fictícia do dólar, enfrenta novos problemas decorrentes da <b>crise</b> comercial no Mercosul.
2000 (fev)	2	Dissídio 2000	Assembleia decisiva / Você sabia que?	No governo Britto, muitas empresas gaúchas do setor coureiro-calçadista, recebeu verbas do FUNDOPEM para gerar emprego no Estado, ao invés disso, instalaram unidades no Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba).
2000 (mai)	2	Vandalismo ou Reação?	Editorial / Convenio com Clínica / Pacote FHC retira direitos dos trabalhadores: a volta da escravidão / Plebiscito	LEI DE FALÊNCIAS: Miguel Rossetto hoje vice-governador do RS, quando Deputado Federal, defendeu a mudança da Lei de Falências. Por essa lei o primeiro a receber é o Banco, depois o Governo e quando sobra alguma coisa, os

			nacional sobre dívida externa	trabalhadores. Em geral não sobra nada, Rossetto com seu projeto, quer inverter essa ordem.
2000 (nov)	2	Dissídio 2001	Gaúcho Nordeste / Assembleia / Trabalhadores acomodados, direitos ameaçados / perdas no FGTS / Convenio com clínicas / Azaléia	TRABALHADORES ACOMODADOS, DIREITOS AMEAÇADOS: Muitos companheiros (as) estão acomodados. Só a luta através do Sindicato pode forçar os patrões a assinarem a Convenção (Acordo), que é onde garantimos os nossos direitos. Estamos vivendo um momento decisivo para a nossa categoria. O setor calçadista está se recuperando da crise.

Fonte: *O Martelo*, 1998-2000. Disponível: Documento físico no Sindicato dos Trabalhadores de Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão.

A questão “crise”, conforme demonstrado no levantamento dos boletins acima foram cruciais para entendermos como o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão ajudaram os trabalhadores do calçado, os informativos destacados na tabela tratam dos assuntos da crise calçadista de forma direta. Analisando o restante dos boletins informativos e relevante informar também que de maneira indireta aparecem ações sindicais que contribuíram para de alguma forma ajudar o trabalhador nesse momento de crise, um exemplo é sobre, as diversas reuniões feitas com o Sindicato Patronal para pleitear um aumento salarial justo aos trabalhadores.

Muito mais do que informar, o intuito do boletim “*O Martelo*”, sempre foi para um meio denuncia, das coisas que estavam acontecendo e que não eram

corretas. Foi uma ferramenta para manter os trabalhadores calçadistas atentos ao que estava acontecendo na fábrica que eles trabalhavam, na cidade, no Estado, no País, no mundo e na sociedade. Em um período que não existia redes sociais e nem celulares, com essa tecnologia que existe hoje, os boletins eram a forma mais rápida e de alcance dos trabalhadores para fomentar o diálogo entre denúncias e reivindicações, por parte das fábricas, trabalhadores e sindicato.

A atuação sindical foi essencial para minimizar os impactos da crise, ajudando a preservar os direitos a dignidade dos trabalhadores, garantindo que seus direitos fossem respeitados durante esse período tão complexo, principalmente na região Sul do Brasil. O Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão, foi uma “força” sindical que ajudou a manter viva a luta pelos trabalhadores mesmo em um contexto de desindustrialização e mudanças estruturais que estavam presentes no cotidiano desses trabalhadores.

## 5. CONCLUSÃO

No final da década de 1990, a crise enfrentada pela indústria calçadista em São Leopoldo, no Vale dos Sinos, foi particularmente desafiadora devido à importância histórica e econômica do setor na região. O Vale dos Sinos era um dos maiores polos calçadistas do Brasil, mas foi severamente afetado por fatores como a abertura econômica, as correntes neoliberais que ganharam força que aumentou a competição com calçados importados, e a migração da produção para regiões de menor custo. Nesse contexto, o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão desempenhou um papel crucial para amenizar os impactos da crise sobre os trabalhadores.

Ao integrar a história oral, foi possível constatar, a partir de cada visão, a experiência pessoal de trabalhador é única e cada sujeito interpretou a a crise e a atuação do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e do Vestuário de uma forma, cada um a partir de suas experiências e vivências, cada histórica contada de um entrevistado, se entrelaçam com o contexto da crise calçadista.

Assim como no início deste trabalho foi evidenciado que não haviam pesquisas relacionadas diretamente a atuação do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão na crise calçadista, também não há, ainda, trabalhos que relacionem o boletim periódico do Sindicato, “*O Martelo*”, como fonte histórica que totalize um estudo sobre esta fonte histórica e suas tantas publicações fornecidas ao longo dos seus 30 anos de existência, abrindo-se um potencial documento para ser estudado, assim como já foi referenciado neste trabalho nos três capítulos apresentados.

Sobre o que tange a atuação do Sindicato dos Trabalhadores em promover uma assistência direta ao trabalhadores no momento de crise vivido na década de 90, em especial, no fim dessa década, podemos concluir que o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão <sup>22</sup>atuou fortemente para garantir que os trabalhadores afetados pelo

---

<sup>22</sup> O Sindicato passou por um processo de unificação e a partir de setembro de 2024 passou a compreender a categoria de trabalhadores outras localidades. Agora o Sindicato representa os Trabalhadores do Calçado e Vestuário de quatro cidades do Vale dos Sinos, sendo estas, São Leopoldo, Portão, Dois Irmãos e Ivoti. A unificação é uma das pautas de lutas do Sindicato desde meados do fim da década de 90.

desemprego, falta de pagamentos e perda de benefícios, o Sindicato atuou para a garantia mínima de seus direitos trabalhistas, incluindo verbas rescisórias, benefícios e compensações. Em muitos casos, isso exigiu mobilizações, greves e negociações intensas com os donos das fábricas. O uso dos materiais fornecidos pela empresa Futura Indústria de Calçados e pelo Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de São Leopoldo e Portão foram de grande validade para a compreensão dos fatos apresentados nessa pesquisa.

## **6. FONTES**

**CONVENÇÕES COLETIVAS 1997-2024 - FUTURA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.**

**FLUXOGRAMA INDÚSTRIA DE CALÇADOS 2024 - FUTURA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.**

**O MARTELO – 1994 – 2013 – Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e do Vestuário de São Leopoldo e Portão.**

## 7. REFERÊNCIAS

A crise da indústria calçadista do Vale do Rio dos Sinos acabou? Entrevista especial com Ênio Klein. **IHU UNISINOS**, 25 nov. 2007. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10903-a-crise-da-industria-calcadista-do-vale-do-rio-dos-sinos-acabou-entrevista-especial-com-enio-klein> Acesso em: 16 ago. 2024.

ANDRADE, Daniel Pereira. **Neoliberalismo: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governabilidade**. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(1), 109–135. 2019. Disponível: <https://www.scielo.br/j/nec/a/WrvHr9cvMKnq4xXXRkf6HTD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2024

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2010

ARAÚJO, Denise Castilhos de; SCHEMES, Claudia. A crise coureiro-calçadista no Vale dos Sinos: a construção do Jornal NH. **Revista Temática**. Ano XIV, n. 1. jan. 2018. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/artic/e/view/37959/19301>. Acesso em: 07 abr. 2024

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COELHO, Álisson; Witter, Roberto. Calçadista fecha e demite cerca de 700 funcionários no RS. **IHU**. São Leopoldo, 10 jan. 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/505573-calcadistafechaedemitecerc> Acesso em: 20 nov. 2024.

COSTA, Achyles Barcelos. Organização industrial e competitividade da indústria de calçados brasileira. **Revista Análise Econômica**. Porto Alegre, ano 20, nº 38, Porto Alegre/ RS, p. 55 – 66, set. 2002.

COSTA, Acheyles Barcelos; PASSOS, Maria Cristina. **A Indústria Calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2004.

KLOCK, Luan. **A indústria calçadista gaúcha: um estudo das relações produtivas e dos aspectos sociais do espaço industrial das hortênsias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, 2022.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de Pesquisa em história**. – 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

MARX, Karl (1818-1883) e ENGELS, Friedrich (1820-1895). **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução Edmilson Costa. Edipo, 2015. 3. Reimpressão 2020 Ed. São Paulo.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado: A indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLIVEIRA, Ildo Rodrigues. **Indústria de calçados e implicações socioespaciais: a grande fábrica de calçados no município de Santo Estevão**. Trabalho de Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2012.

OLIVEIRA, Rosemari Brehm. **À ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DO CALÇADISTA NA ECONOMIA DO VALE DOS SINOS: ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE CAMPO BOM (1990-2015)**. 2018, Trabalho de Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PICCININI, Valmíria Carolina; ANTUNES, Elaine Di Diego. **TRAJETÓRIA E ESTRATÉGIAS DOS SAPATEIROS DO RS**. Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. REAd. Edição 06 Vol. 3 No. 2, jul-ago 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt & WILNÊS, Henrique. **Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90**. São Paulo: Editora UNESP. 2003.

RODRIGUES, Diego Augusto. Sindicatos no Brasil - Formação e Constitucionalismo Sindical. **Observatório do Governo Eletrônico**, 20 jun. 2012, Florianópolis. Disponível em: [Sindicatos no Brasil - Formação e Constitucionalismo Sindical | eGov UFSC](#) . Acesso: 16 abr. 2024.

SANTOS, Luis Rogério Cosme Silva. **Políticas Públicas do governo do estado da Bahia para a atração de empresas e qualidade de vida da população trabalhadora do polo calçadista da região sudoeste**. Trabalho de Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional, UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2008.

SANTOS, Tania Steren dos; SILVA, Diego Machado da. Inovações tecnológicas e organizacionais: práticas e representações de trabalhadores na indústria calçadista do Vale dos Sinos (RS). **Barbaroi**. 2011, n.35, pp.6-29. ISSN 0104-6578.

SAUL. M. V. A. **Classe operária e sindicalismo em Novo Hamburgo (1945-1964)**. Trabalho de Dissertação (Mestrado), Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1982.

SCHEMES, Claudia. Memória do setor coureiro-calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo: **Feevale**, 2005. Disponível: [file:///C:/Users/rh/Downloads/386100%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/rh/Downloads/386100%20(1).pdf). Acesso: 29 nov. 2024.

SINDIVEST São Leopoldo. Disponível em: <http://www.sindicatodaindustria.com.br/sindivestslrs/> Acesso em: 05 dez 2024

VIANAS, Sagadas; SUSSEKIND, Arnold; Maranhão, Delio. "Instituições de direito do trabalho". 8ª Ed. Rio de Janeiro: **Freitas Bastos**, 1981, v.2.

## ANEXO A: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ASSINADO PELO SINDICATO DOS TRABALHADORES DO CALÇADO E VESTUÁRIO DE SÃO LEOPOLDO E PORTÃO.



**UNISINOS**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Canoas

---

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.**

Eu, **PAULA ELI DA SILVA**, aluno(a) do **Curso de LICENCIATURA HISTÓRIA** da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número **1705405**, **declaro que a Empresa/Instituição SINDICATO DOS TRABALHADORES DO CALÇADO E VESTUÁRIO DE SÃO LEOPOLDO E PORTÃO objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado IMPACTOS DA CRISE NO SETOR CALÇADISTA: SINDICATO, GREVES E BUSCA POR DIREITOS TRABALHISTAS EM SÃO LEOPOLDO/RS (1998-2000) entregue no semestre 2/2024, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.**

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Empresa/Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Cidade, São Leopoldo, 13 de agosto de 2024.

*Paula Eli da Silva*  
Assinatura do aluno

STICAVEST  
St. Pedro, Dom. Unidos e Ind. 1  
CNPJ 06.757.076/0001-89

*[Assinatura]*  
Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição  
Cargo ou CNPJ

**ESTELA LINCK**  
Nome do responsável da Empresa/Instituição

Av. Itália, 550 - Caixa Postal 275 - CEP 99062-900 - São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil  
Fone: (51) 3391-1122 - http://www.unisinos.br

## ANEXO B: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ASSINADO PELA EMPRESA FUTURA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.

 UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Graduação

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.**

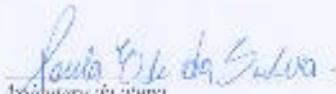
Eu, **PAULA ELI DA SILVA**, aluno(a) do Curso de LICENCIATURA HISTÓRIA da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1795495, declaro que a Empresa/Instituição **FUTURA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA** objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **IMPACTOS DA CRISE NO SETOR CALÇADISTA: SINDICATO, GREVES E BUSCA POR DIREITOS TRABALHISTAS EM SÃO LEOPOLDO/RS (1985-2000)** entregue no semestre 2/2024, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Empresa/Instituição estudada.

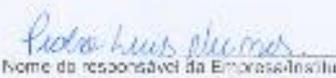
A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

São Leopoldo, 13 de agosto de 2024.

  
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

  
Nome do responsável da Empresa/Instituição

  
Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição  
Carimbo ou CNPJ

Av. Unisinos, 910 - Caixa Postal 275 - CEP 93022-000 - São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil  
Fone: (51) 3591-1122 - http://www.unisinos.br